



# Utopismo Digital

**24**

**JORNADAS  
DE FÉ**

Paulo da Silva  
Magalhães

**38**

**PÁGINA DA  
FAMÍLIA**

Crise na  
família...

**44**

**ESPAÇO  
UNIVERSITÁRIOS**

“Os melhores  
anos da tua  
vida!”

PUBLICADORA SERVIR  
MARÇO 2024  
N. 922 | ANO 85



**"Eis que cedo venho."** A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo  
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES  
**assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19**

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Cafileisa – Soluções Gráficas, Lda.  
Venda do Pinheiro**

TIRAGEM **4900 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC  
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

## março

D	S	T	Q	Q	S	S
25	26	27	28	29	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31	1	2	3	4	5	6

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

**2** DIA INTERNACIONAL DE ORAÇÃO DA MULHER

**2** *UNITALKS* NORTE

**2 e 3** ENCONTRO NACIONAL DE LÍDERES JA

**9 a 16** SEMANA DE ORAÇÃO JA

**16** DIA GLOBAL DA JUVENTUDE

**23** COLÓQUIO DE MORDOMIA – RE CENTRO B

**24** FORMAÇÃO SAL

**25** VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

**28 a 31** *CAMPOREE* NACIONAL JA

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

26/2-1/3 UNIÃO CHECOSLOVACA (CSU)

4-8 UNIÃO ITALIANA (ITU)

11-15 ASSOCIAÇÃO DA TRANSILVÂNIA DO SUL (ROU)

18-22 SEMANA DE ORAÇÃO JA (EUD)

25-29 ASSOCIAÇÃO ESLOVACA (CSU)

### [FH] FÉ DOS HOMENS

[11] SEGUNDA-FEIRA

## abril

D	S	T	Q	Q	S	S
31	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	1	2	3	4

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

**5 a 7** MaPaS (MINISTÉRIO ADVENTISTA PARA ADULTOS SOLTEIROS)

**6** COLÓQUIO DE MORDOMIA – RE LISBOA E VALE DO TEJO

**13** COLÓQUIO DE MORDOMIA – RE CENTRO C

**20** *UNITALKS* CENTRO

**21** FORMAÇÃO SAL

**25 a 28** FORMAÇÃO DE LÍDERES DO MINISTÉRIO DA FAMÍLIA

**29** VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 REUNIÃO DA PRIMAVERA DA CONFERÊNCIA GERAL (GC)

8-12 PUBLICADORA SAFELIZ (EUD)

15-19 ASSOCIAÇÃO DA BOÉMIA (CSU)

22-26 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA ALEMÃ (SWU)

### [FH] FÉ DOS HOMENS

[15] SEGUNDA-FEIRA

### [C] CAMINHOS

[28] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

# Índice

## 04

**EDITORIAL**

**Conhecer o tempo de Deus**

## 06

**ATUALIDADE**

**Utopismo digital**

*Os perigos das realidades digitais que nos rodeiam por todos os lados.*

## 12

**MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL**

**Líderes improváveis**

*A importância crucial de, como Igreja, apostarmos na nossa juventude.*

## 16

**GRAVADO NA PEDRA**

**Misterioso grafito revela outras profecias de Balaão**

*A prova arqueológica da existência histórica do profeta Balaão.*

## 21

**OLHA O QUE EU VI**

**No corredor dos brinquedos**

*Ser paciente é uma virtude muito necessária para a vida.*

## 24

**JORNADAS DE FÉ**

**Paulo da Silva Magalhães**

*O testemunho de um dos construtores da igreja de Braga.*

## 30

**CRESCER NA GRAÇA**

**O Concerto de Deus com o Seu povo (Parte II)**

*O que Deus está disposto a fazer pela nossa salvação.*

## 36

**ESPÍRITO DE PROFECIA**

**150 anos de Adventismo oficial na Europa: Michael Belina Czechowski (Parte I)**

*Uma estrela quase desconhecida do Adventismo europeu.*

## 38

**PÁGINA DA FAMÍLIA**

**Crise na família...**

*Como evitar a crise familiar.*

## 40

**HERÓIS DA BÍBLIA**

**Ester**

*Aprende mais sobre a vida da jovem judia que se tornou rainha.*

## 44

**ESPAÇO UNIVERSITÁRIOS**

**“Os melhores anos da tua vida!”**

*Uma reflexão para ti, que és universitário, sobre fé e autonomia.*

## 46

**ESPÍRITO DE PROFECIA II**

**As compilações e as adaptações: São elas verdadeiras?**

*A resposta abalizada a uma pergunta muitas vezes colocada.*





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

# Conhecer o tempo de Deus

Face aos desafios e às mudanças constantes do mundo moderno é essencial que a comunidade Adventista se mantenha firme na sua identidade única e inspiradora. A nossa jornada como Adventistas é uma busca contínua pela verdade, pela esperança e pelo amor, guiada pelo propósito maior de partilhar o Evangelho eterno.

Em Romanos 13:11, somos lembrados: “E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitámos a fé” (ARC). Este chamado à oração e à ação ressoa profundamente no nosso contexto atual. “Uma das características da sociedade tecnológica é que somos escravos do tempo. Todos nós usamos relógios e acompanhamos cuidadosamente a passagem do tempo. Mas é mais importante conhecer o tempo de Deus, especialmente o *kairós*, o tempo presente, o momento existencial de oportunidade e decisão.”<sup>1</sup> É hora de reavirmos a chama da nossa fé, de lembrarmos a nossa missão e de redescobriremos o que significa ser Adventista do Sétimo Dia.

Como Adventistas, somos chamados a viver em antecipação da Segunda Vinda de Cristo, a partilhar a mensagem do Advento com o mundo e a viver uma vida de saúde, equilíbrio e serviço. A nossa identidade é enraizada na esperança do retorno

do nosso Salvador e na responsabilidade de preparar o caminho para a Sua vinda.

“A igreja é a sala de aula para treinamento do discipulado, por meio do qual a vida de uma pessoa é transformada até chegar à semelhança com Cristo, e é também onde a pessoa aprende a usar os seus talentos, as suas habilidades e energias no cumprimento da missão dada por Deus.”<sup>2</sup> Somos chamados a ser luz no meio da escuridão, a trazer conforto aos aflitos e a proclamar a mensagem de salvação a todos os povos, línguas e nações. É através das nossas ações amorosas e das nossas palavras de esperança que demonstramos verdadeiramente o que significa ser Adventista do Sétimo Dia.

A nossa identidade Adventista é marcada pela compaixão, pela busca da verdade e pelo compromisso com a missão de Deus. Somos um povo peculiar, mas também um povo apaixonado por partilhar o amor de Cristo com o mundo. É essa paixão que nos impulsiona a superarmos obstáculos, a permanecermos firmes na fé e a inspirarmos outros a fazerem o mesmo. Aceita o desafio?

**1**

John R. W. Stott, “A mensagem de Romanos: as boas-novas de Deus para o mundo”, *The Bible Speaks Today* (Leicester, UK/Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001), 351 e 352.

**2**

Lowell C. Cooper, “A Igreja: Conhecendo e vivendo o seu propósito”, *Diálogo* 25:3 (2013): 8-10.

*Envolve-se no*  
PROJETO ESPERANÇA 2024



1,90€

FAÇA O SEU COMPROMISSO ATÉ 27 DE ABRIL.





Ezequiel Quintino  
Teólogo

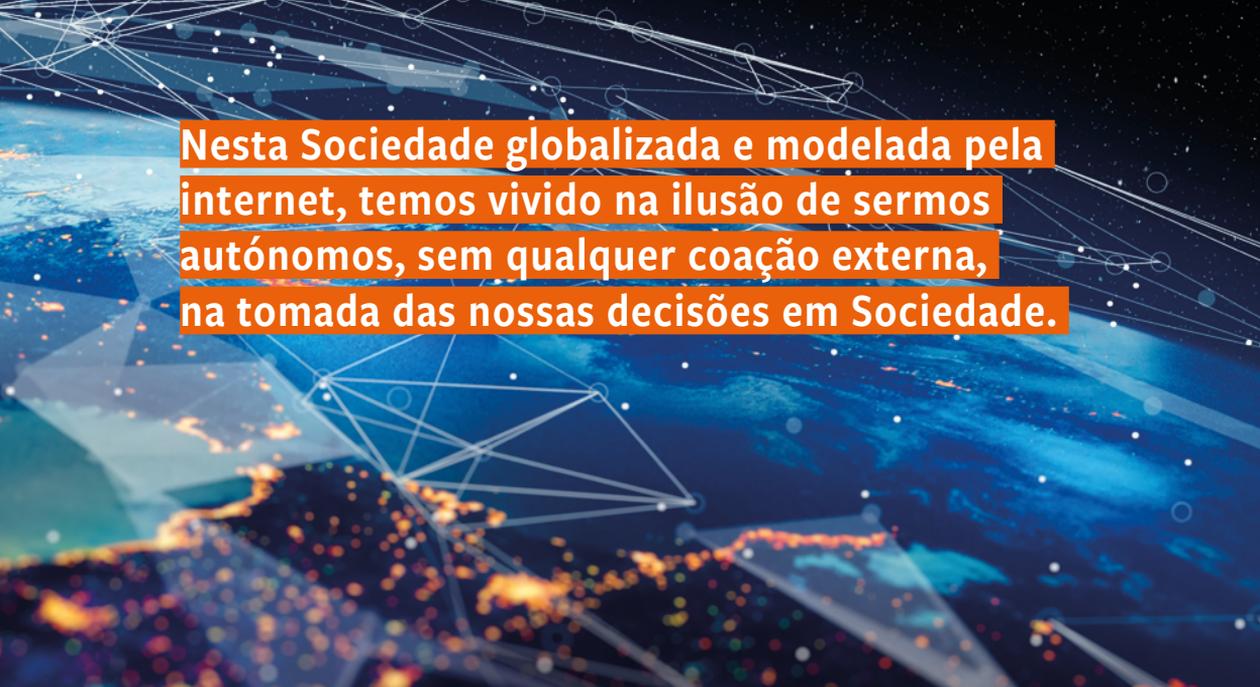
# Utopismo digital

*Liberdade, liberdade!... Onde estás?* Era um dado adquirido das gerações que nos precederam que todos pensávamos e assumíamos que éramos livres. Tomávamos as nossas decisões. Fazíamos as nossas escolhas. Com a publicidade tradicional, não havia suspeita de estarmos a ser “vigilados”, “conduzidos”, “induzidos” a ver, ler, ouvir, comprar ou ir...

Subtilmente, sub-repticiamente, sem nos darmos conta, a nossa privacidade desapareceu! Isto, apesar da carga enfadonha e absolutamente teórica de formalidades para usufruirmos da “proteção de dados”, do “direito inalienável à nossa privacidade”. Pura utopia! Manobra de diversão... O nosso livre-arbítrio passou para segundo ou terceiro plano, foi-nos ofuscado, simplesmente subtraído. Deixámos de escolher por nós mesmos. A liberdade de determinar por nós próprios foi-nos coarctada. A ironia é que, sem nos apercebermos,

julgamos ainda usufruir de uma aumentada liberdade espontânea e voluntária de escolher: ver ou não ver, ler ou não ler, ouvir ou não ouvir, comprar ou não comprar, ir ou não ir... A realidade é que, na prática, perdemos esse dom e direito inalienável – a liberdade de escolha livre e independente. Nesta Sociedade globalizada e modelada pela internet, temos vivido na ilusão de sermos autónomos, sem qualquer coação externa, na tomada das nossas decisões em Sociedade. Acreditávamos que os Estados em democracia garantiriam efetivamente essa liberdade aos eleitores. Puro engano! Pura utopia! Os próprios líderes também são vítimas, como os meros cidadãos, que somos nós.

Nas últimas décadas, tem havido uma revolução no âmbito de quem controla o conhecimento e a informação. Ora, esta rápida transformação colocou em risco a maneira como pensamos. A sociedade humana não fez uma pausa



**Nesta Sociedade globalizada e modelada pela internet, temos vivido na ilusão de sermos autônomos, sem qualquer coação externa, na tomada das nossas decisões em Sociedade.**

para avaliar as consequências e os custos, e adotou os produtos e os serviços de quatro megaempresas. São os gigantes tecnológicos que se tornaram monopólios em ascensão e que ambicionam englobar toda a existência humana. É assim que “fazemos compras na *Amazon*, convivemos no *Facebook*, recorremos à *Apple* para nos divertirmos e confiamos na *Google* para nos informarmos”.<sup>1</sup>

Afinal, onde estão, onde se localizam, e quais as raízes dessas megaempresas? Uma região da Baía de São Francisco, na Califórnia (EUA), tornou-se no lar de múltiplas empresas de alta Tecnologia – eletrônica e informática. O local emblemático é *Silicon Valley* (o Vale do Silício), quase um nome mágico, que significa não apenas uma região geográfica, mas, sobretudo, o espírito, a ação e a intenção desses gigantes tecnológicos em busca do monopólio e do lucro a ele associado. Apesar de tudo ter começado no início do século XX, por mais estranho que pareça, a ascensão e

“o anseio de *Silicon Valley* pelo monopólio remontam à contracultura da década de 1960, surgindo da mais lírica visão de paz e amor. Mais concretamente, tem início com um dos aristocratas da cultura *hippie*”, Stewart Brand.<sup>2</sup>

### **Megamonopólios tecnológicos**

Algumas destas empresas adotaram o nome que expressa as suas aspirações ilimitadas. Por exemplo, a *Amazon* inspirou-se no maior rio do Planeta, o Amazonas, e adotou um logótipo com uma seta amarela (por baixo da palavra), formando um sorriso e unindo o A ao Z, para representar a variedade de produtos vendidos. A *Google* deriva do gugol, um número (1 seguido por 100 zeros) usado pelos matemáticos para representar quantidades inimaginavelmente grandes. Quando Larry Page e Sergey Brin fundaram a *Google*, em 4 de setembro de 1998, tinham como missão “organizar a informação mundial e torná-la universalmente



acessível e útil”. Com o tempo, isto revelou-se demasiado restrito. A *Google* agora pretende construir carros sem condutor, fabricar telefones, criar máquinas que repliquem o cérebro humano e até conquistar a morte. A *Amazon* queria ser “apenas” “a livraria”, depois “a loja de tudo”, mas agora produz programas de Televisão, concebe *drones* e dá vida à “nuvem”. A estas empresas tecnológicas mais ambiciosas juntemos o *Facebook*, a *Apple* e a *Microsoft*, que concorrem para se tornarem no nosso “assistente pessoal”.

“Querem acordar-nos pela manhã e pretendem que o seu *software* de inteligência artificial nos acompanhe ao longo do dia, sem nunca saírem de junto de nós. Desejam tornar-se (...) no nosso calendário, nos nossos contactos, nas nossas fotografias, nos nossos documentos. Pretendem que os procuremos instintivamente em busca de entretenimento e de informação, enquanto desenvolvem catálogos completos das nossas intenções e aversões.”<sup>3</sup>

As grandes empresas tecnológicas (a que os Europeus chamam *GAFAM*: *Google*, *Apple*, *Facebook* e *Amazon*) estão a obliterar os princípios que protegem a individualidade e o livre-arbítrio. Es-

tas empresas pretendem automatizar as escolhas que fazemos ao longo do dia, por mais pequenas que sejam. Através dos seus algoritmos, sugerem as notícias a ler, a maneira como lemos e aquilo que lemos (*Google*, *Amazon* e *Facebook*), os bens a comprar (*Amazon*), o caminho que percorremos (*Google*) e os amigos que convidamos para o nosso círculo (*Facebook* – que abrange mais de dois mil milhões de indivíduos).

Estes monopólios tecnológicos deram origem a uma nova Ciência, que tem como objetivo desenvolver produtos que alimentem os gostos dos consumidores. Querem remodelar toda a cadeia de produção cultural, para obter ainda mais lucros. No domínio do conhecimento, o monopólio e o conformismo são riscos inseparáveis. O monopólio representa o risco de que uma empresa poderosa venha a usar o seu domínio para “esmagar” a diversidade da concorrência. Por outro lado, o conformismo representa o risco de que uma das empresas monopolistas, intencional ou inadvertidamente, se sirva da sua preponderância para “esmagar” a diversidade de opiniões e de gostos. Isto significa que, resultante destes monopólios, “à concentração segue-se a homogeneização”.<sup>4</sup>

## Factos, falsidade e desinformação

Por outro lado, principalmente neste século XXI, o Jornalismo tem passado a depender exageradamente do *Facebook* e da *Google*. Estas grandes empresas tecnológicas fornecem ao Jornalismo uma enorme percentagem do seu público e, por acréscimo, uma grande fatia de rendimento. Isto garante a *Silicon Valley* a possibilidade real de influenciar toda a profissão, um poder que foi aproveitado ao máximo. Na mesma sequência, estes gigantes tecnológicos têm minado e enfraquecido as leis de direitos de autor. O velho conceito de autoria, que colocava em evidência o génio individual, foi esvaziado pela nova teoria da criatividade, ao destacar as virtudes da colaboração. Como afirmou Reid Hoffman, um dos fundadores do *LinkedIn*: “Ninguém consegue chegar ao êxito sozinho. [...] A única forma de chegar a algo magnífico é trabalhando com outras pessoas.”<sup>5</sup> Quando a *Google* começou a digitalizar todos os livros no Planeta, Kevin Kelly (cofundador da revista *Wired*) sonhou com uma espécie de fusão de cada livro: “De uma forma curiosa, a biblioteca universal torna-se num texto único muito, muito, muito grande: o único livro do mundo.” Neste processo, ele enaltecia a “mente coletiva”, ou “mente colmeia”.<sup>6</sup> Mas uma mente coletiva é uma mente intelectualmente incapacitada, com uma capacidade reduzida de distinguir entre facto e ficção. E o *Facebook* conseguiu chegar a um consenso, mas não ao que fora prometido. Ao contrário de aproximar o mundo, o poder da sua rede ajudou a dividi-lo.<sup>7</sup> Na realidade, o “*Facebook* e a *Google* criaram um mundo em que os antigos limites entre factos e

falsidade se esbateram, onde a desinformação se espalha viralmente”.<sup>8</sup>

Provavelmente, o mais inquietante é que estes poderes tecnológicos têm vindo a destruir um bem precioso – a possibilidade de reflexão e de contemplação. “Criaram um mundo em que somos constantemente observados e estamos sempre distraídos. Com a acumulação de dados, criaram um retrato da nossa mente, o qual usam para guiar, às escondidas, o comportamento das massas (e, cada vez mais, o comportamento individual), com o objetivo de propalar os seus interesses financeiros. (...) Essas empresas já atingiram o seu objetivo de alterar a evolução humana. Todos nos tornámos já um pouco ciborgues. O nosso telefone serve de extensão da memória; deixámos certas funções mentais básicas nas mãos dos algoritmos; cedemos os nossos segredos, deixando que sejam armazenados em servidores e explorados por computadores. Todavia, é preciso que nunca nos esqueçamos de que estamos não apenas a fundir-nos com máquinas, mas também com as empresas que gerem essas máquinas.”<sup>9</sup>

## Hegemonia sufocante

Os megamonopólios tecnológicos de *Silicon Valley*, através das suas decisões, dos seus algoritmos e das suas tecnologias, dominam a vida de sete mil milhões de consumidores de Tecnologia. Autopromoveram-se como defensores da individualidade e do pluralismo, mas os seus algoritmos conduziram-nos ao conformismo e comprometeram a nossa privacidade. Em resultado, produziram uma instável, e cada vez mais

direcionada e limitada, cultura de desinformação, que vai desembocando num mundo sem observação privada, sem pensamento autónomo ou introspeção solitária. Como bem sugere Franklin Foer (no título e subtítulo do seu livro), vivemos num “*Mundo sem Mente – a Ameaça Existencial da Alta Tecnologia*”.

Na realidade, o mundo desenvolveu-se em todas as áreas do conhecimento, até antes da instalação da hegemonia sufocante das tecnologias digitais. Também é verdade que, no limite, poderíamos continuar a viver hoje sem computadores, sem telemóveis, sem internet e sem GPS, tal como a Humanidade viveu durante milénios. Todavia, não se pode, nem deve, negar as enormes vantagens destes bens à nossa disposição. A facilidade, a rapidez, a eficiência, a comodidade, a objetividade e o pragmatismo que eles nos oferecem são reais. Na atualidade, tudo isto se tornou imprescindível. A vida já não é concebível sem estes objetos e bens que nos acompanham e que até dormem connosco. Toda a existência em Sociedade está concebida e organizada em função destas tecnologias. Contudo, existe o outro lado da questão: O modo e a filosofia que estão por detrás das empresas que fornecem estes bens e serviços. Além das intenções dessas empresas, está o facto de estes objetos e serviços (sem nos darmos conta), por serem omnipresentes e possuírem algo de encantatório, pois causam dependência, serem viciantes; hipnotizam-nos, absorvem-nos, abafam-nos, apossam-se de todas as nossas capacidades, isolam-nos do mundo que nos rodeia e impedem que tenhamos consciência da

realidade que nos cerca. Rotularam-nos como objetos promotores de comunicação, mas, ao invés, revelam-se antisociais e inibidores do diálogo pessoal. Ou seja, não permitem que façamos mais nada, além de os “adorarmos”...

### O nosso imperativo

A questão impõe-se: O que podemos e devemos fazer para recuperarmos a nossa vida interior, a autonomia, a privacidade, a liberdade, o livre-arbítrio, a capacidade e o poder de reflexão e de contemplação? O nosso imperativo é resistirmos aos gigantescos monopólios tecnológicos! Resistir à tentativa de agregação por estas empresas e compreender as ambições corporativas subjacentes ao seu êxito. Estamos a viver um estágio inicial da automação e homogeneização totais da vida social, política e intelectual. Somente pela tomada de decisão individual poderemos resistir e sobreviver!

A conclusão de Franklin Foer é que “neste momento não estamos a governar o nosso rumo. Estamos à deriva, sem uma pressão equilibradora do sistema político, dos *media* ou da elite intelectual. Estamos à deriva, a caminho do monopólio, do conformismo, das suas máquinas. Nesta era de rápida automatização, com a internet a ligar quase tudo e todos, pensar em governar o nosso rumo pode parecer néscio e fútil. ‘O nosso domínio parece escapar-se ao nosso domínio’, afirmou o filósofo Michel Serres. ‘Como dominar o nosso domínio?’ [...] As empresas tecnológicas sonham em dominar-nos a vida e os hábitos, mas essas vidas e esses hábitos continuam a pertencer-



**“A liberdade  
começa  
onde acaba a  
ignorância.”**

-nos”.<sup>10</sup> E Franklin Foer lança-nos o desafio: “Preocuparmo-nos mais com a conveniência e com a eficiência do que com aquilo que realmente dura é uma ilusão. Quando comparados com o poder da vida contemplativa e com o compromisso profundo para com o texto, muitos dos prazeres promíscuos da *Web* são efêmeros. A vida contemplativa permanece à nossa disposição por intermédio das escolhas que fazemos – o que lemos e compramos, como nos dedicamos ao ócio e à melhoria pessoal, o ignorar tentações vãs, a preservação de espaços tranquilos, a busca intencional pelo domínio do nosso domínio.”<sup>11</sup>

O contexto em que estamos a viver, repleto de tentativas monopolistas de controlar todas as facetas das nossas identidades e de influenciar todos os níveis das nossas tomadas de decisão, é um sinal dos tempos, mas não será o único. Outras tentativas seguirão. Entretanto, face à invasão abusiva da propriedade intelectual e da privacidade, acreditamos que se impõe uma reação vigorosa ao utopismo digital, numa época em que precisamos desesperadamente de resgatar a cultura

de uma nova ética social com base na liberdade individual. E, para que se mantenha o imperativo da resistência, recorde-se Victor Hugo: “A liberdade começa onde acaba a ignorância.”

**1**  
Acerca das megaempresas tecnológicas e monopolistas, recomendamos o livro de Franklin Foer, *Mundo sem Mente – A Ameaça Existencial da Alta Tecnologia*, Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2018. É considerado pela crítica como um livro urgente e importante que deve ser lido por todos os que usam as tecnologias digitais. É uma fascinante descrição biográfica dos maiores protagonistas da alta tecnologia e das suas intenções. Para este artigo somos devedores, em grande parte, à pesquisa de Franklin Foer.

**2**  
*Idem*, pp. 23 e 24.

**3**  
*Idem*, pp. 11 e 12.

**4**  
*Idem*, p. 15.

**5**  
*Idem*, p. 181.

**6**  
*Idem*, p. 198.

**7**  
*Idem*, pp. 197-200.

**8**  
*Idem*, p. 17.

**9**  
*Idem*, pp. 18 e 19.

**10**  
*Idem*, p. 254.

**11**  
*Idem*, p. 255.

# Líderes improváveis

Como manter os jovens, essa força viva,  
o presente e o futuro do Movimento  
Adventista do Sétimo Dia, na Igreja?



—  
Tiago Mendes Alves  
*Diretor do Departamento de  
Jovens da UPASD*

Ao longo dos mais de 160 anos da Igreja Adventista do Sétimo Dia mundial, dos 150 anos do Adventismo na Europa e dos 120 anos do Adventismo em Portugal, uma pergunta, crucial e desconcertante, tem sido feita pelas sucessivas lideranças e por todos os que têm um olhar no futuro eterno: *Como manter os jovens, essa força viva, o presente e o futuro do Movimento Adventista do Sétimo Dia, na Igreja?*

Têm sido várias as respostas a esta pergunta, algumas na esfera mais teórica e concetual, outras na esfera mais prática, muitas delas com resultados concretos, mais ou menos mensuráveis e reconhecidos. As abordagens e as estratégias, embora diversas na sua metodologia e no seu alcance, têm todas um alvo comum: Procurar encontrar formas e meios para garantir a salvação eterna das crianças, dos adolescentes e dos jovens que Deus tem confiado ao Seu povo escolhido, à Sua Igreja. Este é e será um processo sempre em construção!

É precisamente com este alvo em mira, o da salvação eterna das gerações mais novas, que o Departamento de Jovens, a nível mundial, nacional, regional e local, procurou, procura e continuará a procurar refletir e implementar as melhores e divinamente inspiradas estratégias. Tratando-se este de um artigo/informativo prático, procuraremos deixar algumas breves e simples considerações. *Se queremos que os nossos jovens se mantenham na Igreja e assumam ativamente posições de liderança, há que os envolver desde cedo e garantir-lhes um ambiente acolhedor, motivador, onde estes encontrem o seu espaço na missão.* Em poucas palavras, temos

de envolver os jovens com a Igreja, e na Igreja.

Fomentar o envolvimento total das crianças, dos adolescentes e dos jovens com a igreja local, promovendo para isso o trabalho colaborativo, cooperativo e interdepartamental com os mais diversos Ministérios da igreja, é um passo muito importante e um dos *Objetivos Estratégicos* deste Departamento. Paremos de remar cada um para o seu lado; busquemos a união e suscitemos sinergias. Muito ganharemos, se soubermos juntar todos os que têm sobre si a responsabilidade de trabalhar com estas faixas etárias (Clubes de Desbravadores, Coordenação de Jovens, Ministérios da Criança, Ministérios da Família, Educação) e planificarmos juntos. Tal estratégia implica sair da área de conforto de cada Departamento/Ministério, fomentar o trabalho em equipa, incluir no Plano de Ação da igreja este intencional esforço e, claro está, procurar a orientação divina através da oração.

Mas como incentivar uma maior integração dos jovens e das suas ideias na vida da Igreja? Procuremos deixar alguma sugestões e estratégias, nomeadamente:

- Realização dos *Sábados JA*, em parceria com os mais diversos Ministérios/Departamentos da igreja. Que positivo é para as nossas crianças e para os nossos jovens perceberem que a sua igreja lhes proporciona oportunidades de liderarem os serviços de Sábado destinados a toda a igreja. Uns na receção dos membros, outros fazendo parte da mesa e do grupo de Dinamizadores da Escola Sabatina, da equipa de

louvor, da equipa que vai à plataforma na hora do culto, da equipa que recolhe as ofertas e os dízimos e – porque não? – da equipa que partilha a mensagem. Crianças e jovens ativos, os possíveis líderes da Igreja do futuro, experimentam algumas das funções para as quais, quem sabe, Deus e a Igreja os chamarão num futuro próximo.

- Realização do **Mês Jovem**, também em parceria com todos os Ministérios/Departamentos da igreja. Esta estratégia, arrojada e desafiante, procura dar aos jovens uma oportunidade de liderança ainda maior. A ideia é que os jovens assumam, durante um mês inteiro, as mais diversas funções/responsabilidades na sua igreja. O Pastor e/ou Ancião Jovem pode(m) e deve(m) estar ao comando de todo o processo, que pode, inclusivamente, começar com a realização de uma Comissão de Nomeações própria para escolher estes jovens. Estes, distribuídos pelos vários Ministérios/Departamentos da igreja, sob a supervisão, ou não, dos titulares desses cargos para o ano civil/eclesiástico em questão, assumem as rédeas da igreja, tendo assim a oportunidade de verem despertar dons, talentos e capacidades adormecidos/desconhecidos. *Líderes improváveis* vão assumir a liderança da igreja, sempre sob a orientação do seu líder eclesiástico, o Pastor, e sempre dando seguimento ao que é o Plano de Ação da igreja local. Em 2023, algumas igrejas em Portugal já implementaram esta estratégia e, pela

enorme graça de Deus, vão voltar a fazê-lo em 2024. Outras há que experimentarão este ano. Com Deus ao comando, não há nada que temer. Que tudo seja feito para honra e glória do Seu nome!

- Dinamização de **Pequenos Grupos**, em parceria com o Departamento de Evangelismo. Sendo esta já uma estratégia bem enraizada na maioria das igrejas em Portugal, implementar um ou vários pequenos grupos para os jovens e com os jovens pode ser uma boa ocasião de estes debaterem, entre pares, temas atuais, de interesse para a sua faixa etária e que nem sempre têm espaço no contexto da dinâmica habitual da igreja. Também aqui importa garantir que a liderança da igreja – Pastor, grupo de Anciãos e Coordenação JA – esteja ao comando, marcando presença regular quer na fase de planificação, quer na fase de implementação. Na fase de planificação; na crucial aferição dos temas e das problemáticas que os jovens desejam e sentem ser pertinentes abordar; na fase de implementação; no apoio presencial; e na orientação doutrinária. Que oportunidade de crescimento espiritual e de testemunho!
- Dinamização do **Dia dos Amigos**, em parceria com a Escola Sabatina local. Uma estratégia simples, associada ou não ao Sábado JA e/ou ao Mês Jovem, que chama à igreja os amigos que, a convite dos *Líderes improváveis*, usufruirão de uma programação jovem, um primeiro contacto com a Igreja Adventista

do Sétimo Dia, ou então, quem sabe, um regresso à casa do Pai.

- Promoção dos **Projetos JA** em parceria com os mais diversos Ministérios/Departamentos e com as estruturas do Departamento: as Comissões Regionais e a Delegação dos Açores e da Madeira. Já implementados há algumas décadas, os Projetos JA serão reforçados e incentivados durante o *Camporee* Nacional JA 2024 e, a par do Desbravadorismo, podem e devem contribuir igualmente para aproximar os jovens da missão e da identidade cristã Adventista. Existirão certamente, ao nível das igrejas locais e de acordo com os interesses dos jovens das mesmas, oportunidades na área do evangelismo jovem (evangelismo pela saúde, pela música, pela mímica, pelos *media*), na área do desporto e na área do serviço social e comunitário. Importa incluir todos e trabalhar com todos, num claro e intencional propósito de educar para o serviço e para a salvação.

Terminamos este artigo/informativo esclarecendo que o Departamento de Jovens da UPASD define duas **áreas de atuação**. Por um lado, o **Desbravadorismo**, enquanto método pedagógico com um considerável número de crianças, adolescentes e jovens envolvidos, e, por outro lado, os chamados **Projetos JA**, que contribuem igualmente para envolver os jovens na Igreja e com a Igreja. Em ambas as áreas de atuação existe uma intencional linha orientadora: A de levar todos os jovens a (re)descobrirem Jesus,

**Procuremos colocar em prática os seguintes conselhos bíblicos: “Fala com sabedoria e ensina com amor” (Provérbios 31:26). Deixemo-nos conduzir pelo Líder dos líderes, de forma que “todos os teus filhos serão ensinados do Senhor; e a paz de teus filhos será abundante” (Isaías 54:13).**

a decidirem segui-l’O e a servi-l’O. Estes podem não ser os únicos meios, mas são certamente meios importantes para manter os jovens na Igreja.

Para todos aqueles que ocupam posições de liderança na Igreja de hoje, lembremo-nos do momento e das circunstâncias em que apostaram em nós, quando Deus nos transformou em *Líderes improváveis*. Procuremos colocar em prática os seguintes conselhos bíblicos: “Fala com sabedoria e ensina com amor” (Provérbios 31:26). “Então disse Jesus: Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas” (Mateus 19:14). Deixemo-nos conduzir pelo Líder dos líderes, de forma que “todos os teus filhos serão ensinados do Senhor; e a paz de teus filhos será abundante” (Isaías 54:13).



—  
Marcos Osório  
*Arqueólogo*



RádioRCS  
91.2 fm



[radiorcs.novotempo.pt](http://radiorcs.novotempo.pt)  
[/podcasts/gravado-na-pedra](https://podcasts/gravado-na-pedra)



# GRAVADO NA PEDRA

**Misterioso grafito  
revela outras  
profecias de Balaão**

Em 1967, a equipa da Universidade holandesa de Leiden, liderada pelo Professor Henk J. Franken, que escava-va o sítio arqueológico de *Tell Deir Alla*, no vale do Rio Jordão, fez uma notável descoberta epigráfica entre os escom-bros de um edifício destruído por um terramoto que assolou a região.

O assentamento populacional fica próximo da foz do Rio Jaboque, no Rio Jordão, tendo sido um importante centro económico e religioso durante o período da Idade do Ferro (de 1200 a 586 a.C.), talvez correspondendo ao local bíblico de *Sukkot* (Núm. 33:5) ou *Pethor* (Núm. 22:5).

As datações de radiocarbono e a análise paleográfica sugerem que a inscrição foi redigida em meados do século VIII a.C. (Naveh, 1967; Lemaire, 1985). Esta cronologia é sustentada pelo facto de estar registado um abalo sísmico na região, por essa altura, durante os reinados de Uzias de Judá e do rei Jeroboão de Israel, mencionado pelo historiador judeu Flávio Josefo (séc. I d.C.) e recordado duas

vezes na Bíblia – no primeiro versículo do livro de Amós e em Zacarias.

Dado que Zacarias viveu dois sé-culos depois, este terramoto que abalou Judá deve ter sido suficientemente forte para deixar uma impressão dura-doura, sendo comparado à devastação do fim dos dias (Zac. 14:5). De facto, os arqueólogos que trabalham na Terra Santa têm encontrado evidências deste poderoso terramoto do século VIII a.C., em Jerusalém, Hazor e Samaria, julgan-do-se ter sido um dos mais catastróficos dos tempos antigos (Lemaire, 1985).

O edifício escavado foi totalmente assolado pelo sismo e o revestimento de gesso da parede da sala, onde foi redigido o texto, encontrava-se desfeito, estando a inscrição incompleta e fragmentada em distintos trechos (Mccarter, 1980: 49). No total, foram recuperados centenas de pedaços de reboco que estão atualmente guardados no Museu Arqueológico de Amã, a capital da Jordânia.

A reconstrução do quebra-cabeças dos fragmentos escritos de estuque reve-lou-se uma tarefa árdua. Contudo, após

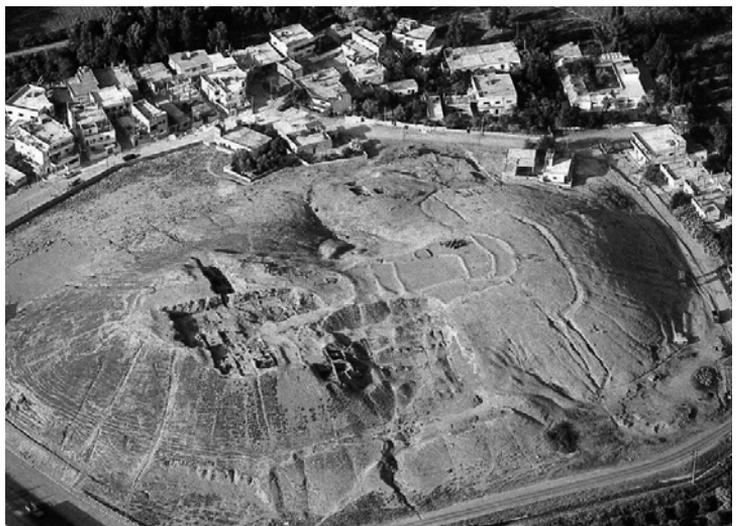


Fig. 1 – Vista aérea do assentamento arqueológico de *Tell Deir Alla* (©Kafafi, 2009: 120, fig. 3).

anos de análise paleográfica, dois investigadores holandeses lograram conectar as diversas secções do texto, proporcionando a primeira leitura da inscrição, embora permeada de incertezas (Hoftijzer e Van der Kooij, 1976). Esta leitura inaugural suscitou, posteriormente, uma nova interpretação por parte de Jo Ann Hackett (1984), que tentou afinar com maior precisão o texto antigo.

As letras foram meticulosamente pintadas a preto sobre uma parede caída, numa caligrafia cuidada, realizada por um escriba profissional, ressaltando determinadas palavras com tinta vermelha e delimitando o texto com linhas da mesma tonalidade encarnada, uma tradição bicromática com raízes ancestrais egípcias (Hoftijzer, 1976: 13; Lemaire, 1985).

A disposição original da inscrição permanece envolta em mistério. A sua finalidade, seja ela religiosa, educacional ou decorativa, bem como o seu contexto arqueológico não são claros, embora se conjecture que possa ter sido escrita diretamente na parede de um santuário ou de uma sala de aula (Van der Kooij, 1991: 241), o que não constitui um fenómeno singular na região, dada a existência de outros casos semelhantes, por exemplo, nas ruínas de *Kuntillet Ajrud*, no Sinai (Lemaire, 1985).

O idioma empregue na epígrafe permanece um enigma, apesar da sua escrita denunciar, naturalmente, uma origem semita. Os estudiosos debatem se é aramaico, cananeu, fenício ou um dialeto local. Naquela época, as diferenças entre essas escritas eram mínimas. Por exemplo, tem características aramaicas, ao usar a palavra



Fig. 2 – Reconstrução imaginada do primitivo povoado da Idade do Ferro de *Deir Alla* (by Microsoft Bing Designer).

“*bar*”, com o significado de “filho de”, ao contrário de “*ben*”, empregue pelos Cananeus; mas, por outro lado, também apresenta peculiaridades que remetem para as línguas cananeias.

O texto descreve a visão de um indivíduo chamado “Balaão”, identificado como “filho de Beor”, e que se intitula como “vidente dos deuses”. O achado arqueológico obteve imediata notoriedade devido à alusão ao profeta não-israelita mencionado no livro bíblico de Números (capítulos 22 a 24), que também é registado como filho de Beor, e que prestou serviço ao rei moabita Balaque. Deste modo, a inscrição de *Deir Alla* tornava-se na primeira referência conhecida a este Balaão, fora da Bíblia.

A escrita tem um estilo literário requintado, evocando visões divinas que Balaão teve, provavelmente em sonho, transmitindo ao povo uma mensagem de aviso acerca de uma iminente



calamidade, na qual os deuses “fixaram uma data” para o deus do Sol “fechar os céus... como uma nuvem”, e em que o povo seria punido por um “fogo de castigo” (Lemaire, 1985). Algumas das expressões aqui documentadas assemelham-se aos discursos proferidos por Balaão no livro de Números (Hoftijzer, 1976: 13), e estas advertências lembram textos proféticos da Bíblia, como Isaías 13:9-11 ou Joel 2:1-3.

O texto fica ilegível e perde-se, mas aparenta referir-se igualmente aos supostos feitos mágicos empreendidos pelo vidente, para evitar a calamidade, julgando-se que pode constituir uma memória póstuma que celebra a sua proeza, na parede deste edifício, que servia como eventual centro de ensino religioso na região (Lemaire, 1985).

O Balaão deste grafito era politeísta, pois refere uma ampla variedade de divindades, como *Ashtar*, *Shagar* ou *El-Shaddayin* e *Elohin*. Estes últimos constituem uma alusão plural aos deuses, evocando a expressão bíblica de *El Shaddai*, “Deus Todo-Poderoso” (cuja primeira aparição ocorre em Génesis 17:1) ou a palavra utilizada em Génesis 1:26, no plural, para descrever o autor da criação do mundo. É notável a ausência, neste contexto, da menção a *Yahweh* (Hoftijzer, 1976: 15; Robker, 2019: 301).

Tendo em conta a cronologia, o contexto do achado e o teor do texto, é admissível que o protagonista da inscrição possa ser identificado com o Balaão bíblico. No entanto, é importante lembrar que, embora se possa tratar da mesma figura histórica, a inscrição e o relato bíblico descrevem eventos bastante distintos.

Para certos investigadores, as analogias demonstram apenas a existência de uma tradição narrativa comum sobre o personagem de Balaão, difundida por toda a Transjordânia, que serviu de base tanto para a composição da inscrição de *Deir Alla* como para o relato do livro de Números (Robker, 2019: 304 e 305).

Segundo eles, é provável que uma tradição oral tenha começado a circular pouco antes da gravação da inscrição de *Deir Alla*, e sugere-se, até, que a própria inscrição no gesso foi copiada de textos preexistentes (Lemaire, 1985). De facto, a menção ao “livro de Balaão” na primeira linha do grafito sugere que o texto em questão tenha sido retirado de antigos manuscritos que se perderam (Robker, 2019: 300).

Está demonstrado como Balaão constitui uma das personalidades mais enigmáticas das fontes escritas do Próximo Oriente. Terá sido uma verdadeira “celebridade” naquela região, cujas palavras foram preservadas nesta inscrição e cuja memória foi lembrada nos livros de Números, Deuteronomio, Josué e Neemias da Bíblia Hebraica (*Tanakh*), de maneira depreciativa, dando-lhe o papel de vilão.

Estas alusões pejorativas persistem nas fontes posteriores, como é evidenciado em dois textos não-bíblicos descobertos entre os Manuscritos do Mar Morto, onde Balaão é mencionado numa lista de falsos profetas do antigo Israel, uma característica que ecoa noutros escritos judaicos, como o *Targum* e as obras de Fílon de Alexandria.

Mais tarde, na literatura da Primitiva Igreja Cristã, embora Balaão continue a ser retratado como um fal-

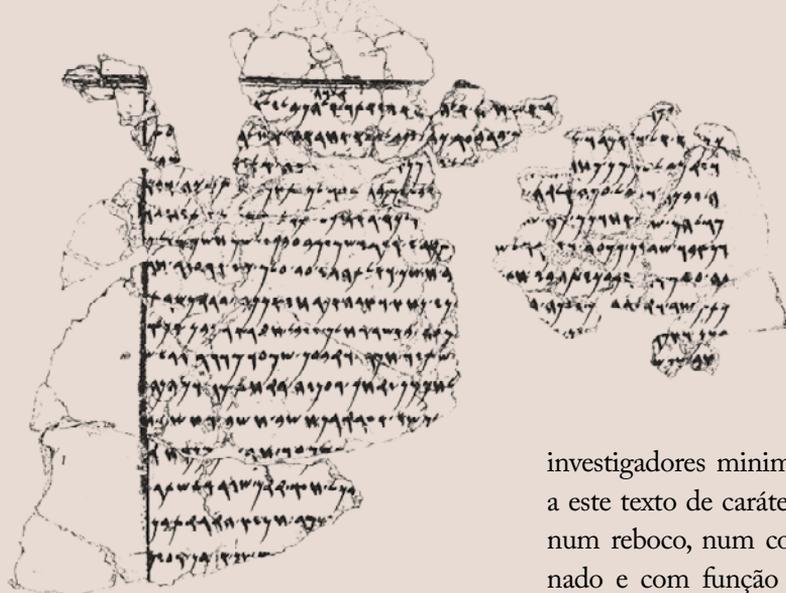


Fig. 3 – Restauro dos restos da inscrição de Deir Alla (©Van der Kooij, 1991: 246, fig. 3).

so profeta, há um atributo que é valorizado no seu quarto oráculo, narrado no livro de Números 24:17: “*Eu o vejo, mas não agora; eu o contemplo, mas não de perto – uma estrela sairá de Jacob, e um cetro se levantará de Israel.*” Este texto é frequentemente interpretado pelos escritores cristãos como uma previsão profética da vinda do Messias.

Os primeiros Cristãos recorreram a este oráculo de Balaão para estabelecer uma conexão entre a “estrela” e o “cetro” com a figura messiânica de Jesus, associando-os à narrativa do Seu nascimento e à estrela avistada pelos Magos no Evangelho de Mateus (Wood, 1977: 338). O teólogo Irineu de Lyon, do século II d.C., chegou mesmo a sugerir que os reis magos eram descendentes de Balaão, conferindo um caráter multifacetado e paradoxal à figura de Balaão.

Décadas após a descoberta da inscrição de *Deir Alla*, ela continua hoje a ser uma descoberta arqueológica alvo de intenso escrutínio, referindo-se a um dos personagens bíblicos mais intrigantes da História. Apesar do ceticismo dos

investigadores minimalistas em relação a este texto de caráter literário, pintado num reboco, num contexto indeterminado e com função obscura, Balaão é atualmente uma das personalidades re-feridas na Bíblia mais seguras do ponto de vista histórico-arqueológico.

#### Bibliografia

- HACKETT, Jo Ann (1984) – *The Balaam text from Deir 'Allā*. [Harvard Semitic Monographs. 31.] Chico, California: Scholars Press.
- HOFTIJZER, Jacob (1976) – “The Prophet Balaam in a 6th century aramaic inscription”. *The Biblical Archaeologist*. 39:1, pp. 11-17.
- HOFTIJZER, Jacob; e VAN DER KOOIJ, Gerrit (1976) – *Aramaic texts from Deir 'Allā*. [Documenta and Monumenta Orientis Antiqui; XIX.] Brill: Leiden.
- LEVINE, Baruch A. (1991) – “The plaster inscriptions from Deir Alla: general interpretation”. In *Jacob Hoftijzer e Gerrit Van Der Kooij (eds.) – The Balaam Text from Deir 'Allā Re-Evaluated*. “Proceedings of the Symposium held at Leiden, 21-24 August 1989.” Brill: Leiden, Nova Iorque, Copenhaga, Colónia, pp. 58-72.
- LEMAIRE, André (1985) – “Fragments from the Book of Balaam found at Deir Alla”. *Biblical Archaeology Society*. 11.5 (Sep/Oct), pp. 26-39.
- KAFABI, Zeidan A. (2009) – “The archaeological context of the Tell Deir 'Allā tablets”. In *Eva Kaptijn and Lucas P. Petit (eds.) – A Timeless Vale: Archaeological and Related Essays on the Jordan Valley in Honour of Gerrit Van der Kooij, on the occasion of his Sixty-fifth Birthday*. Leiden: University Press, pp. 119-128.
- MCCARTER Jr., Kyle (1980) – “The Balaam texts from Deir 'Allā: the first combination”. *Bulletin of the Schools of Oriental Research*. 239, pp. 49-60.
- NAVEH, Joseph (1967) – “The date of the Deir 'Allā inscription in aramaic script”. *Israel Exploration Journal*. 17:4, pp. 256-258.
- ROBKER, Jonathan Miles (2019) – “Balaam in text and tradition”. *Forschungen zum Alten Testament*. 131. Tübingen: Mohr Siebeck.
- VAN DER KOOIJ, Gerrit (1991) – “Book and script at Deir 'Allā”. In *Jacob Hoftijzer e Gerrit Van Der Kooij (eds.) – The Balaam Text from Deir 'Allā Re-Evaluated*. “Proceedings of the Symposium held at Leiden, 21-24 August 1989.” Brill: Leiden, Nova Iorque, Copenhaga, Colónia, pp. 239-262.
- WOOD, Bryant G. (1977) – “Prophecy of Balaam found in Jordan”. *Bible and Spade*. 6:4, pp. 121-124.



RádioRCS  
91.2 fm



[radiorcs.novotempo.pt/  
podcasts/olha-o-que-eu-vi](http://radiorcs.novotempo.pt/podcasts/olha-o-que-eu-vi)

## No corredor dos brinquedos

**Olá, eu sou a Ana, e OLHA O QUE EU VI...**

Não vais acreditar, mas ir às compras tornou-se numa das minhas atividades favoritas, no que diz respeito ao meu *hobby* de observação. Vou às compras uma vez por semana, mais ou menos, e, cada vez que vou, uma nova viagem inicia-se na minha mente. Eu não sei se tu eras como eu em criança, mas lembro-me bem de que, sempre que ia ao supermercado, fosse com a minha mãe ou com a minha avó, raras eram as vezes em que eu entrava feliz e saía feliz. Já sabes do que estou a falar, certo? O que arruinava o meu passeio ao supermercado era... tudo o que tinha que ver com brinquedos. Sempre que eu colocava um pezinho dentro do supermercado, estava já a pedir alguma coisa. Mas fosse o que fosse. Podia ir de *Polly Pockets* (não era grande fã de *Barbies*) a Nenucos, a Pelúcia, a *Puzzles* ou até mesmo a Plasticina. Tanto fazia! O meu objetivo

inconsciente era sempre sair com uma coisa nova dali. Mas, como é óbvio, neste meu plano sem sentido, raras eram as vezes em que levava a minha vontade avante. Quando via que as coisas não iam sair como eu queria, começava o plano B. Fazer uma fita para chamar a atenção e ganhar a guerra. Hoje sei que era tudo sem maldade da minha parte, mas era incrível como acontecia sempre a mesma coisa. É caso para dizer que era “gira o disco e toca o mesmo” sempre que ia ao supermercado. E tu não estás bem a ver. Ou, se calhar, até estás, mas eu armei cada berreiro e cada choradeira! E não aprendia a lição, porque, de todas as vezes que a circunstância se repetia, eu voltava a fazer o mesmo. E tudo isto para te dizer que me revi no supermercado esta semana... Então não é que eu andava descansada da minha vida nas compras e, do nada, começo



a ouvir uma gritaria descomunal vinda do corredor dos brinquedos?! Fui lá espreitar disfarçadamente, e olha o que eu vi! Vi um menino de uns cinco ou seis anos deitado no chão a espreitar com um boneco do *Star Wars* na mão. E vi a mãe a seguir em frente e a virar para o outro corredor. Mas o interessante é que eu, desta vez, não me centrei na criança, porque já conheço bem a manha, mas sim na mãe. Ela fez com que o filho deixasse de a ver, mas ela conseguia vê-lo e apreciar a birra à distância. E pacientemente esperou que o filho se acalmasse. E aqui começou a minha viagem. Já estás a ver, não é? Ser paciente! O que é a paciência? E lá vamos nós... Segundo o *Dicionário* – e até gostei bastante desta definição –, a paciência é a “capacidade de tolerar as contrariedades, os dissabores, as infelicidades ou os incómodos com calma ou resignação”. Num mundo cada vez mais acelerado e imediatista, é tudo para

agora, para já. A paciência tornou-se numa virtude rara e valiosa. Ser paciente envolve ter a capacidade de esperar, de suportar as adversidades, de lidar com situações difíceis sem perder a serenidade. É uma qualidade que requer disciplina. Requer também domínio próprio, uma visão de longo prazo. Por isso é que, quando somos crianças, a paciência é algo que, às vezes, não possuímos com tanta facilidade e que temos de aprender a desenvolver. A paciência ensina-nos a encontrarmos esse equilíbrio e a cultivarmos uma postura mais tranquila diante dos desafios da vida. A paciência é especialmente importante. Principalmente hoje, em que somos bombardeados constantemente por estímulos e estamos acostumados a ter as nossas necessidades atendidas de uma forma quase instantânea e imediata. Vivemos numa Sociedade que valoriza a rapidez e a eficiência e, muitas vezes, ficamos frustrados quando as coisas não

acontecem no nosso tempo ideal, ou seja, agora. No entanto, a paciência convida-nos a desacelerarmos, a aceitarmos que nem tudo pode ser controlado e que algumas coisas simplesmente exigem o seu tempo. Ser paciente não significa ser passivo ou resignado. Pelo contrário! Ser paciente envolve uma atitude ativa em que reconhecemos que existem processos naturais e que nem sempre podemos acelerá-los. É uma postura de confiança, de aceitação. Entendemos que as coisas vão acontecer no seu tempo certo. E como já dizia o velho provérbio português, “a paciência é uma virtude”. Uma das áreas em que a paciência é fundamental é nas relações interpessoais. A convivência com as outras pessoas envolve lidar com diferentes personalidades, opiniões e necessidades. Nem sempre tudo acontece como desejamos, e é nesses momentos que a paciência se torna essencial. Como no caso daquela mãe. Ser paciente com o outro implica ouvir com empatia, respeitar o tempo e as escolhas alheias, buscar soluções que sejam satisfatórias para todos os envolvidos. A paciência permite-nos construir relacionamentos mais saudáveis e duradouros, baseados na compreensão e na tolerância. Para não falar do contexto profissional, porque a paciência, neste campo, é uma qualidade valiosa. Frequentemente, somos confrontados com a necessidade de entregar trabalhos em prazos apertados, com pressões, com desafios que podem gerar stresse ou ansiedade. É nesses momentos que a paciência nos ajuda a mantermos a nossa clareza mental, a encontrarmos soluções criativas e objetivas. Ser paciente ajuda a perseverar, a não desistir diante

das dificuldades e a buscar alternativas para superar os problemas. A paciência também é fundamental no desenvolvimento da carreira, porque recorda-nos de que o sucesso não acontece da noite para o dia e de que é necessário investir o nosso tempo, o nosso esforço e a nossa dedicação para alcançarmos os nossos objetivos. Cultivar a paciência requer prática e consciência. É um processo contínuo de toda uma vida, de autoconhecimento e de desenvolvimento pessoal. É importante que nós também conheçamos os nossos próprios limites e que busquemos um equilíbrio saudável entre a busca dos nossos objetivos e a aceitação do tempo necessário para alcançá-los. Resumindo e concluindo, a paciência é uma virtude valiosa que permite encontrar este equilíbrio e esta serenidade nos desafios que enfrentamos no dia-a-dia. Ela ensina-nos a esperar, a perseverar e a aceitar que nem tudo acontece quando queremos. Ser paciente é uma escolha consciente que nos permite construir relacionamentos saudáveis, alcançar os nossos objetivos e desenvolver uma maior compreensão de nós mesmos e, também, dos outros. Quando cultivamos esta paciência, descobrimos uma fonte de paz, de serenidade, que nos acompanha em todas as áreas da nossa vida. Sabes, aquela mãe parecia perceber bem este assunto da paciência. E é interessante porque aquela criança, pouco-a-pouco, vai começando a maturar a sua paciência. Pelo menos, isso aconteceu comigo. Estas minhas idas ao supermercado estão cada vez mais interessantes. E as tuas? Vou-te contando novidades. Por agora, foi isto que eu vi. Até à próxima!



## Paulo da Silva Magalhães

—  
*Entrevistado por Ezequiel Duarte*

Paulo da Silva Magalhães nasceu há 64 anos, em Vila Verde, numa altura em que a Igreja Adventista do Sétimo Dia já estava presente no nosso país há 56 anos. Sem ter qualquer amigo ou familiar Adventista, batizou-se na igreja Adventista do Sétimo Dia de Braga, em 1997. Embora todas as histórias de conversão sejam únicas,

a história de Paulo Magalhães revela bem o plano que Deus tinha para ele, para a sua esposa e para os seus filhos. Tem quatro filhos – sendo um deles Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia – e uma neta.

**ED: Irmão Paulo Magalhães, conte-nos como foi a sua infância. Estamos a falar do início dos anos 60 ou 70, em Vila Verde. Foi uma infância feliz?**

PSM: Eu era filho de pais que lutavam para sobreviver. Éramos onze irmãos e não era muito fácil. Recordo-me de que, quando tinha seis ou sete anos, no inverno, ia para a escola descalço.

Portanto, passei por momentos difíceis. Pão sempre tive, mas quanto a uma boa alimentação, só muito mais tarde. À época, eu era Católico. Recordo-me de a minha mãe era muito interessada nas coisas de Deus. Sempre me ensinou que tínhamos um Deus que nos protege, que nos guarda, que nos abençoa, e que eu tinha de ser dependente d'Ele. Recordo-me de que, muitas vezes, ia à missa com os meus pais, até eu ter os meus 14 anos.

**ED: E como é que era nos estudos? Gostava de estudar ou gostava mais de coisas práticas?**

PSM: Não, eu gostava de trabalhar. Lembro-me de que o meu pai tinha um moinho, e eu, com os meus 12 anos, já ia com o burrito buscar as “fornadas”, isto é, os sacos do milho para moer. Depois, levava a farinha. O meu objetivo era o trabalho.

**ED: E como chegou ao ramo da construção civil?**

PSM: Eu, com cerca de 14 anos, tinha um irmão mais velho, logo a seguir a mim, que trabalhava aqui numa empresa em Braga. Ele arranjou-me trabalho nessa empresa, onde trabalhei dos 14 aos 19 anos. Depois dos meus 19 anos, achava que já tinha capacidade para iniciar e terminar uma casa, ou seja, já dominava todos os processos de construção de uma casa.

**ED: E quando resolveu criar a sua empresa?**

PSM: Com 19 anos! Saí da empresa onde estava e comecei a trabalhar pela minha conta. Então, senti a necessidade de realmente me desenvolver. Tive

a ajuda de Deus! Eu fui sempre uma pessoa dependente de Deus, mesmo não conhecendo a Igreja Adventista, e tenho a certeza de que fui sempre protegido por Ele. Sendo dependente de Deus, um homem tem tudo. Foi isso que eu senti sempre, desde jovem.

**ED: Então, a espiritualidade sempre o acompanhou?**

PSM: Não tenho dúvidas disso, porque a minha mãe ensinou-me que eu tinha de ser um jovem dependente de Deus para alcançar aquilo que queria. Eu não conhecia outra religião, senão a Católica. Só aos 14 anos é que me apercebi de que havia a Igreja Evangélica, porque o meu irmão mais velho saiu da Igreja Católica e integrou a Igreja Evangélica. Uma vez, quando estive cá de férias, vindo de França, convidou-me para ir com ele. Eu cheguei a ir com ele, só que não me tocou nada. Portanto, continuei na Igreja Católica.

**ED: Monta a sua empresa no fim dos anos 70, não é?**

PSM: Sim. A minha história é muito interessante. Com 19 anos, comecei a comprar terrenos, a construir e a vender. E, ao mesmo tempo, também tomava conta de empreitadas. Depois, já aos 30 anos, decidi criar uma empresa com três dos meus irmãos. E aí é que nós começámos a construir em altura, e a empresa desenvolveu-se.

**ED: E é nesta altura que conhece a Igreja Adventista do Sétimo Dia?**

PSM: Sim! Um dia, fui trabalhar, num sábado, para ajudar um amigo que andava a construir uma casa. Fui lá e ter-

**Deus disse-me:  
“Procura a Igreja  
do Sábado.” Eu,  
no princípio,  
interroguei-me: “A  
Igreja do Sábado?”  
Isto aconteceu duas  
ou três vezes.**

minámos o trabalho. Quando regressava a casa, ainda tive tempo para passear na cidade. Então, passei numa rua e ouvi cantar. Procurei ver o que se passava. Alguém me disse que aquilo era uma igreja. “Uma igreja? Que igreja é esta?” Disseram-me que era uma Igreja que guardava o Sábado. Eu perguntei: “Guarda o Sábado porque?” Responderam-me que, na Bíblia, está escrito que devemos guardar o Sábado. “Mas, então, por que razão toda a gente guarda o domingo?” Deram-me uma explicação. Foi aí que tive noção de que era o Sábado que se devia guardar. E eu pensei: “Se Deus quer que eu guarde o Sábado, eu tenho de o fazer.” Decidi que, quando tivesse disponibilidade financeira para não precisar de trabalhar ao Sábado, iria guardar o Sábado. Foi uma decisão imediata. Depois, continuei a minha vida normal. Esta Igreja era a Igreja em Braga.

**ED: Mas, e depois, o que acontece? 15 anos depois, volta a passar por uma igreja Adventista do Sétimo Dia?**

PSM: Sim! É uma história muito interessante. Quando eu tinha cerca de 30 anos, sentia-me realizado, porque acha-

va que Deus me tinha abençoado de uma forma muito grande. Mas pensei que talvez não tivesse o verdadeiro conhecimento de Deus e não tivesse conhecimento para O louvar como devia.

**ED: Mas, nessa altura, ainda frequentava a igreja ao domingo?**

PSM: Sim. Sempre! Casei na igreja Católica, com 24 anos. Depois, por volta dos 30 anos, já tinha três filhos. Senti a necessidade de conhecer mais sobre Deus. Todos os dias orava a Deus antes de sair de casa. Eu sempre tive uma ligação íntima com Deus. Como achava que Deus me tinha abençoado tanto, pensava que tinha de ter, verdadeiramente, conhecimento sobre Quem era Deus e de saber se estava a louvá-l’O como devia. Recordo-me de que eu vinha a pedir, nas minhas orações da manhã, para que Deus me mostrasse qual era o caminho que eu devia seguir. Passados não sei quantos dias, ou semanas, ou meses, Deus disse-me: “Procura a Igreja do Sábado.” Eu, no princípio, interroguei-me: “A Igreja do Sábado?” Isto aconteceu duas ou três vezes. Então, decidi mesmo procurar a Igreja do Sábado. Assim, fui lá num Sábado. Já não existia igreja nenhuma naquela morada. Disse a mim mesmo: “Será que foi um sonho que eu tive?” Então, perguntei a uma senhora, que vivia por cima, sobre a igreja. Ela disse-me que a igreja tinha mudado para a Rua Conselheiro Lobato. Eu fui à procura da igreja. Só que não estava lá ninguém. Por três vezes não encontrei ninguém. Decidi ir então ao Sábado de manhã, a ver se encontrava alguém. No Sábado seguinte, a igreja estava aberta.



Entrei. Gostei muito e decidi começar a ir à igreja até ter verdadeiramente conhecimento de Deus e dessa Igreja que guardava o Sábado. Eu sentia a necessidade de fazer algo para louvar Deus.

**ED: E já sabia o que era, concretamente? Já tinha uma ideia?**

Eu comecei a ler a Bíblia. E descobri que alguns profetas tinham a necessidade de criar um altar. Então, senti esse desejo de ter um altar, de construir um altar para Deus, para louvar Deus. Foi um privilégio grande para mim participar na construção não de um altar, mas deste edifício da igreja de Braga.

**ED: Mas o irmão começou a frequentar ainda a igreja antiga, não é? Já havia o plano para construir, mas parece que a igreja não estava a conseguir avançar como devia; parece que foi só quando o irmão Paulo chegou que houve ali um certo impulso...**

PSM: Eu não tenho dúvidas de que Deus me chamou, no momento certo, para esta construção. Sentia-me um homem privilegiado por Deus, abençoado, e acredito que Ele me chamou para esta tarefa. Porque, nos primeiros Sábados em que eu entrei na igreja Adventista, ouvi falar que estavam com vontade de comprar um terreno para construir uma nova igreja. Eu pensei: “Eu vou participar nessa construção. Deus já me está a chamar!”

**ED: Mas, na altura, ainda não estava batizado...**

PSM: Não! Era só uma visita. Eu fiquei muito feliz ao saber que estavam a tentar comprar um terreno para cons-

*“Eu vou participar  
nessa construção. Deus  
já me está a chamar!”*

truir uma igreja. Porque aquele lugar onde nós estávamos era um lugar pobre, tipo armazém. Eu achava que a minha igreja tinha de ser sempre superior à minha casa. Fiquei muito feliz e decidi logo que ia ter o privilégio de participar nessa construção. Entretanto, soube que eles compraram um terreno. Ouvi contar a história da compra do terreno e achei que tinha sido um milagre da parte de Deus terem adquirido este terreno. Houve uma oferta especial para fazer a compra do terreno. Eu também fiz uma oferta especial e depois fui com o Pastor e disse-lhe: “Eu quero emprestar o dinheiro necessário para a compra do terreno.” Ele hesitou um pouco, mas aceitou.

**ED: O seu amor pela Igreja era genuíno e duradouro dentro do seu coração. E a sua família, como é que reagiu? Sabia que estava a frequentar a Igreja Adventista?**

PSM: Durante dois anos vinha à igreja sem ninguém da minha casa se aperceber. Só mais tarde é que a minha mulher começou a perceber, porque, todos os Sábados, vestia uma roupa diferente. Um Sábado, no fim do almoço, o meu sogro pediu-me para fazer um trabalho junto da casa dele. Eu disse-lhe: “Decidi não trabalhar ao Sábado.” Eles ficaram surpreendidos. Foi uma luta bastante grande. Mas foi uma bênção. A partir daí, eles souberam. Foi bastante difícil, principalmente para a minha mulher.

**ED: Depois do seu batismo, em 1997, batizaram-se também os seus quatro filhos, a sua esposa e demais família, não é?**

PSM: Eu estive cerca de sete anos a frequentar a Igreja sem me batizar. Era como se fosse membro. No princípio, era para conhecer, não para me ligar. Só que, depois, senti necessidade. Uma vez, tive um sonho em que Jesus estava a voltar e fiquei muito preocupado, porque eu ainda não tinha sido batizado. Decidi batizar-me. A minha mulher ficou algo desagradada. Disse-me que não ia assistir ao batismo. Eu orei e Deus deu-me a bênção de ela querer vir ao batismo e participar no batismo comigo.

**ED: A nova igreja de Braga foi inaugurada sete anos, sensivelmente, depois do seu batismo. Vendo todas estas peças do puzzle da sua vida, acredita que estas peças se encaixam no plano que Deus tinha para si e para a sua família?**

PSM: Eu acredito que Deus me chamou, no momento certo, para a construção desta igreja. Preparou-me para ser uma bênção. Na altura, a maior parte dos membros da igreja achava que não era financeiramente possível construir uma igreja nova, pois seriam necessários, pelo menos, 300 000 euros. Para os líderes, seria preferível comprar uma loja e adaptá-la. Eu acabava de ser batizado e esse plano desagradou-me, porque eu achava que tinha sido um milagre da parte de Deus termos adquirido o terreno. Eu não tinha dúvidas de que Deus queria conceder-nos a bênção de construirmos a igreja. Quando participei na construção desta igreja, trabalhei menos na minha empresa, mas Deus abençoou-me de uma forma muito maior do que se eu estivesse a trabalhar a fundo na empresa. Vinte anos

depois, a igreja de Braga está cheia todos os Sábados de manhã, de tal forma que se vai abrir uma outra igreja, que fica em Vila Verde. Eu louvo Deus por isso, porque é a minha terra.

**ED: Irmão Paulo, eu gostava também de saber a sua opinião sobre um assunto muito engraçado: Nenhum dos seus filhos acabou por seguir o seu trajeto da construção, não é? Tem duas filhas que são professoras, tem um filho que é Pastor da Igreja Adventista, o Pastor Paulo Magalhães, e tem um outro filho, que é jurista. O que espera que o seu exemplo de abnegação possa trazer aos seus quatro filhos?**

PSM: Eu sempre dei liberdade de escolha aos meus filhos. Porque o trabalho que fazemos é uma parte importante da nossa vida. O que eu quero é que eles se sintam felizes. O maior privilégio que Deus me dá, neste momento, é ter a minha família na Igreja. Penso que é a maior riqueza que o Homem pode ter.

**ED: Irmão Paulo, há 30 anos, sensivelmente, passou à porta de uma igreja Adventista e sentiu-se atraído, conheceu aquela comunidade, sentiu-se em casa e ainda hoje cá está. O que acha que a Igreja Adventista do Sétimo dia precisa de fazer para conseguir cativar outros Paulo Magalhães que passam à porta das nossas igrejas todos os dias?**

PSM: A minha oração hoje é que eu possa ser uma bênção para aqueles que estão ao meu redor e que eles possam honrar o nome de Deus e ser dependentes de Deus. Eu tenho esta oportunidade, neste momento, em Vila Verde. Não convidei toda a gente para

**O maior privilégio que Deus me dá, neste momento, é ter a minha família na Igreja. Penso que é a maior riqueza que o Homem pode ter.**

a inauguração, porque a igreja é muito pequena, mas houve algumas famílias e algumas pessoas que me disseram: “Eu quero estar na inauguração desta igreja.” O arquiteto que foi fazer o estudo para a instalação da nova igreja fez um trabalho no valor de 800 euros. Quando terminou, disse-me: “Não levo dinheiro nenhum. É uma oferta da minha parte para a tua Igreja.” Assim, se eu realmente for uma testemunha fiel, as pessoas vão perguntar-me: “Que religião é a tua? Quero conhecê-la!” E esse é o maior privilégio que nós podemos ter, pois seremos uma bênção para os que estão ao nosso redor.

**ED: Irmão Paulo Magalhães, muito obrigado por me ter recebido aqui na igreja de Braga.**

PSM: Eu é que agradeço; foi uma bênção! Não tenho dúvidas de que, quando alguém tem necessidade de Deus e vai à procura d’Ele, Deus dá-Se a conhecer. Para mim, isto é uma coisa bela!



**OUÇA A ENTREVISTA  
COMPLETA, EM**

[revistaadventista.pt/jornadas-de-fe/paulo-da-silva-magalhaes](https://revistaadventista.pt/jornadas-de-fe/paulo-da-silva-magalhaes)



que a nossa salvação depende totalmente de Deus. Ao fazê-lo, revelamos plena consciência da nossa total impotência mesmo para cumprirmos a nossa parte na Aliança, quanto mais a de Deus. Com esta atitude, sentiremos sempre a necessidade de um Salvador. O ato de assumir o resgate evidencia toda a misericórdia e fidelidade do Senhor.

Analisemos agora as responsabilidades que Deus atribui ao povo de Israel.

*“E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel”* (Êxodo 19:6).

Quando Moisés apresentou a proposta de Deus ao povo, a sua resposta foi pronta e decidida: *“Então todo o povo respondeu a uma voz, e disse: Tudo o que o Senhor tem falado, faremos. E relatou Moisés ao Senhor as palavras do povo”* (Êxodo 19:7 e 8).

Mais tarde, Moisés escreveu as palavras do Senhor num livro e, numa

reunião revestida de grande solenidade (Êxodo 24:4-6), leu-as novamente perante o povo, e a sua resposta foi ainda mais firme: *“Tudo o que o Senhor tem falado faremos e obedeceremos”* (Êxodo 24:7).

Basicamente, as responsabilidades do povo de Israel eram duas (*Figura 1*):

1. Vós Me sereis um reino sacerdotal (como referido atrás).
2. Vós Me sereis um povo santo.

Permitam-me realçar esta última incumbência: *“Vós Me sereis um povo santo.”* O que é que isto significa? O conhecimento do Senhor tinha desaparecido da face da Terra. Toda a Humanidade se tinha corrompido e cada povo tinha inventado para si deuses sem qualquer valor. *Deus queria preparar um povo que fosse o Seu representante, que O desse a conhecer entre todas as famílias da Terra.*

Para isso, era absolutamente necessário que cada elemento da nação

Figura 1



que agora despontava tivesse um conhecimento pleno de Deus. Era uma tarefa gigantesca e o Todo-Poderoso ainda corria o risco de ser mal-interpretado, o que, aliás, veio a acontecer.

Logo a seguir à resposta do povo, Deus dá instruções a Moisés para o santificar, porque, ao terceiro dia, Deus iria descer para uma das mais solenes experiências a que um mortal poderia assistir: Do meio da nuvem que tinha descido sobre o monte que tremia e fumegava, toda a congregação ouviu a voz de Deus pronunciar os Dez Mandamentos (Êxodo 19:16 a 20:26).

Com essa Lei, o Senhor pretendia que o povo pudesse ver nela o Seu caráter de amor e o modo como deveria agir uns para com os outros. Infelizmente, o povo de Israel, na sua maioria, apenas viu dez regras que deviam ser obedecidas. Ainda hoje sentimos os efeitos dessa má-interpretação. Os corações estavam ainda endurecidos, não lhes permitindo refletir no que cada palavra queria dizer sobre o nosso amoroso Pai celestial. Apenas viam a letra da Lei. A Mensageira do Senhor escreve: “Deus deseja de todas as Suas

**Com essa Lei, o Senhor pretendia que o povo pudesse ver nela o Seu caráter de amor e o modo como deveria agir uns para com os outros.**



criaturas o serviço de amor, serviço que brote de uma apreciação do Seu caráter. Ele não tem prazer na obediência forçada; e concede a todos vontade livre, para Lhe poderem prestar serviço voluntário.”<sup>1</sup>

Mais tarde, Moisés, ao repetir a lei dos Dez Mandamentos, no capítulo 5 do livro de Deuteronómio, vai escrever as Palavras do Senhor que mostram o sublime objetivo de Deus com as orientações que lhes dava: “O Senhor me disse: *Eu ouvi as palavras deste povo, que eles te disseram; em tudo falaram bem. Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem, e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos para sempre*” (Deuteronómio 5:28 e 29). Está aqui claro que o que Deus



pretendia dizer com as diretrizes dadas era que, mesmo vivendo num mundo contaminado com o pecado, eles e os seus filhos poderiam ser felizes, se seguissem esses mandamentos.

Sim, Deus queria muito que o Seu povo escolhido O representasse bem em toda a Terra, mas sabia bem que os homens e as mulheres que escolhera eram humanos, fracos, com uma tendência natural para o mal. Também conhecia muito bem o inimigo poderoso que iria fazer tudo para que os Israelitas não compreendessem os verdadeiros desígnios de Deus e falhassem no seu objetivo. Deus sabia tudo isso e essa foi, a par do Seu grande amor, a razão pela qual Ele assumiu a responsabilidade da salvação do ser humano.

Infelizmente, esta Aliança com o povo de Israel ficou sem efeito. A grande pergunta é saber a razão desta anulação do Concerto. A resposta que surge de imediato à nossa mente é que o acordo foi anulado porque Israel não cumpriu a sua parte. Essa é a resposta que Satanás quer que eu interiorize, mas é falsa. Logo a seguir ao compromisso assumido, e enquanto Moisés ainda se encontra com Deus no Monte, o povo fez para si um bezerro de ouro e disse: *“Este é o teu deus que te tirou do Egito”* (Êxodo 32:1-5). Eles aqui não cumpriram a sua parte, mas não foi por isso que a Aliança foi anulada. O próprio Neemias, muitos séculos mais tarde, afirmou: *“Ainda mesmo quando eles fizeram para si um bezerro de fundição, e disseram: Este é o teu Deus, que te tirou do Egito; e cometeram grandes blasfêmias; Todavia tu, pela multidão das tuas misericórdias, não os deixaste*

*no deserto. A coluna de nuvem nunca se apartou deles de dia, para os guiar pelo caminho, nem a coluna de fogo de noite, para os iluminar”* (Neemias 9:18 e 19).

Ao longo da sua história, foram milhares as vezes que Israel não cumpriu a sua parte, mas, mesmo assim, Deus continuou fiel ao Seu compromisso, enviando convites de arrependimento. *“Volta, ó rebelde Israel... Somente reconhece a tua iniquidade, que contra o Senhor teu Deus transgrediste”* (Jeremias 3:12 e 13).

*A Aliança só foi anulada porque o povo rejeitou a parte que pertencia a Deus, quando disse: “Crucifica-O; Crucifica-O!”* Por outras palavras: *“Não precisamos da Tua intervenção para a nossa salvação, ‘Nós faremos e obedeceremos!’”* Estavam presunçosamente convencidos de que poderiam representar bem Deus guardando os mandamentos, sem sequer refletirem na sua inerente fraqueza humana. Mas, repito, não foi por terem falhado na sua parte que o acordo foi anulado.

***A Aliança só foi anulada porque o povo rejeitou a parte que pertencia a Deus, quando disse: “Crucifica-O; Crucifica-O!” Por outras palavras: “Não precisamos da Tua intervenção para a nossa salvação, ‘Nós faremos e obedeceremos!’”***



Sim, apesar de Deus querer muito que os Seus escolhidos O representem bem aqui nesta Terra, não é nenhum dos seus fracassos que impedirá a sua salvação, desde que reconheçam a sua enorme pequenez e aceitem a salvação proposta por Deus.

Como Israel rejeitou essa oferta, Deus estabeleceu uma Nova Aliança. Agora, as duas partes são: “Deus”, de um lado, e “Eu”, do outro; mas as cláusulas do Concerto são exatamente as mesmas, expressas pelo apóstolo em I João 2:1: *“Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se al-*

***Eu nunca deveria desistir de ser semelhante a Deus. A minha salvação não depende daquilo que faço, mas daquilo que Deus fez por mim!***

*guém pecar, temos um Advogado junto do Pai, Jesus Cristo, o justo.”*

Isto quer dizer que eu nunca deveria desistir de ser semelhante a Deus, mas, quando na minha fraqueza não o conseguir, deveria lembrar-me de que a minha salvação não depende daquilo que faço, mas daquilo que Deus fez por mim. Esta postura vai consciencializar-me da minha indignidade, mas também da certeza de que, se o reconhecer e aceitar a salvação que Deus me oferece, tenho direito à vida eterna. Dessa forma estou a realçar os méritos de Cristo e, como consequência, a exaltar o Senhor Jesus no meu coração, e também perante os outros.

A minha gratidão e admiração pela bondade e pela fidelidade de Deus, contrariando toda a lógica humana, vai crescer exponencialmente e irei sentir o desejo crescente de ser cada vez mais parecido com o meu Salvador.

<sup>1</sup>  
Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*,  
p. 12, ed. P. SerVir.



COLEÇÃO  
*Folhas de Outono*



<p>O MAIOR discurso de CRISTO</p>	<p>A CIÊNCIA do BOM VIVER</p>	<p>PARÁBOLAS de JESUS</p>	<p>O Grande Conflito</p>
<p>O Desejado de Todas as Nações</p>	<p>o LAR Cristão</p>	<p>Serviço CRISTÃO</p>	<p>ORAÇÃO</p>
<p>EDUCAÇÃO</p>	<p>Patriarcas e Profetas</p>	<p>As Mensagens dos TRÊS ANJOS</p>	

 PUBLICADORA SERVIR

COMPRA ONLINE [WWW.PSERVIR.PT](http://WWW.PSERVIR.PT) | LIGUE 21 962 62 00  
E-MAIL [CLIENTES@PSERVIR.PT](mailto:CLIENTES@PSERVIR.PT) |  +351 925 896 870



## ESPÍRITO DE PROFECIA

Daniel Vicente | Diretor do Serviço de  
Espírito de Profecia da UPASD

# *150 anos de Adventismo oficial na Europa: Michael Belina Czechowski (Parte I)*

*A história do  
Adventismo na  
Europa começou dez  
anos antes de Andrews  
chegar. A semente  
da mensagem já fora  
lançada por Michael  
B. Czechowski.*

Na *Revista Adventista* do mês de fevereiro, escrevemos sobre John Andrews, o primeiro missionário oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, enviado pelos Adventistas da América do Norte à Europa.

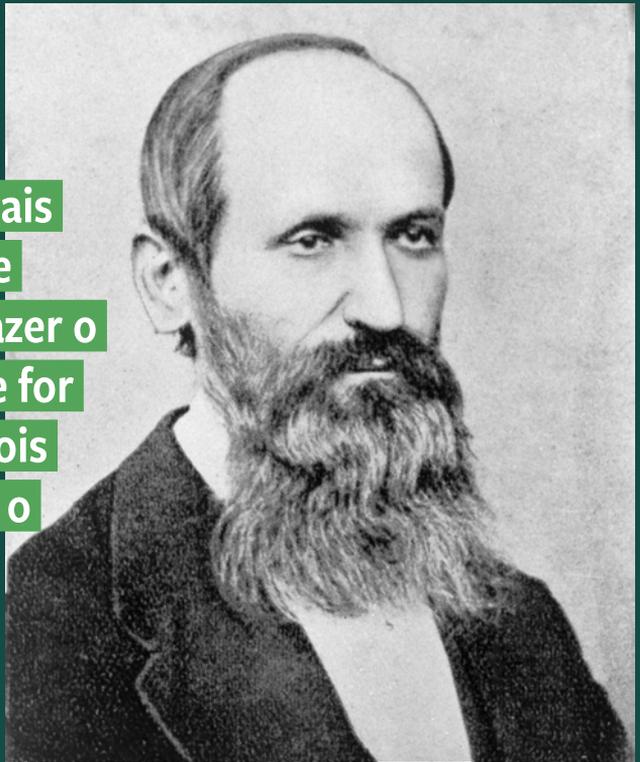
Mas a história do Adventismo na Europa começa dez anos antes de Andrews chegar. Michael B. Czechowski, que tinha aceitado a mensagem do Advento e do

Sábado em 1857, na América do Norte, já tinha lançado a semente da mensagem em países como a Itália, a Suíça, a França, a Alemanha, a Hungria e a Romênia.

Este mês começaremos a conhecer melhor este homem, que tinha renunciado ao Catolicismo e que, depois de chegar à América do Norte, passou pela Igreja Batista, tendo, posteriormente, abraçado a mensagem Adventista.

Em 1858, na assembleia que teve lugar em Battle Creek sobre a proclamação da nossa mensagem junto de grupos étnicos nos Estados Unidos da América, Czechowski foi nomeado para realizar, com os irmãos Bourdeau, trabalho missionário junto da comunidade de língua francesa no Norte de Nova Iorque. Mas o seu plano era poder voltar à velha Europa, de onde tinha saído em 1851, para pregar acerca das doutrinas bíblicas Adventistas.<sup>1</sup>

**“É seu dever ser mais calmo e tranquilo e contentar-se em fazer o pouco bem que lhe for possível realizar, pois a Providência abre o caminho para si.”**



Apesar do zelo e do fervor de Czechowski, alguns irmãos começaram a questionar a sua capacidade de gestão financeira e a sua fiabilidade geral. Assim, quando, no início da década de 1860, ele começou a solicitar à liderança da Igreja que o patrocinasse numa missão na Europa, as dúvidas em relação a esse projeto eram mais do que muitas. John N. Andrews menciona esse facto, alguns anos mais tarde: “Achávamos que ele não estava, naquele momento, preparado para um empreendimento tão responsabilizador. Portanto, pedimos que ele esperasse. [...] Não o considerávamos um gestor prudente.”<sup>2</sup>

Ellen G. White, apercebendo-se das dificuldades que o Pastor Czechowski tinha em gerir as suas finanças e, também, em ser um pouco mais contido nos seus impulsos e planos, escreveu-lhe em 1861, depois de uma visão que teve acerca do ministério

dele: “É seu dever ser mais calmo e tranquilo e contentar-se em fazer o pouco bem que lhe for possível realizar, pois a Providência abre o caminho para si. Está constantemente a tentar abrir algum caminho por si mesmo e, se continuar a planear e a fazer cálculos tão grandes, sobrecarregará muito os seus irmãos e esgotará a sua paciência, e Satanás vai tentá-lo. [...] Deus ama o seu espírito, mas o seu trabalho não pode realizar o que espera. Se visitar outros países, o seu percurso será difícil.”<sup>3</sup>

(Continua no próximo mês.)

<sup>1</sup> C. Mervyn Maxwell, *História do Adventismo*, Santo André, SP: CPB, 1982, p. 176.

<sup>2</sup> Ellen G. White, *Letters and Manuscripts*, vol. 1 (1844-1868), p. 819.

<sup>3</sup> Ellen G. White, *Letters and Manuscripts*, vol. 1 (1844-1868), Carta 31.



Todos apreciamos a família como um lugar de paz, um refúgio onde recarregamos as baterias emocionais, físicas e espirituais, em meio a uma alegre sociabilidade, para voltar a enfrentar os desafios e as agruras da vida cá fora, da vida no emprego, na escola e na Sociedade em geral. Mas o que fazer quando é o lar que se torna no maior desafio, quando se instala a crise doméstica e o fator de estabilidade se torna no centro das nossas preocupações?

A crise na família é, muitas vezes, o resultado de mudanças inesperadas: um acidente, uma doença, a morte de um membro da família, uma gravidez não planejada, a perda do emprego, a perda da casa e a necessidade, por conseguinte, de mudar para outra; mas a crise familiar também pode estar ligada ao desenvolvimento natural da família, ao ciclo da família, como seja o próprio casamento, o nascimento de um filho, a entrada deste filho na idade escolar e, mais tarde, na puber-

dade/adolescência, a partida deste filho, deixando o ninho vazio, etc. Cada fase exige uma adaptação, um esforço para reencontrar o equilíbrio. Ao contrário, se não é feito esse esforço e, ao invés, se resiste à mudança, instala-se uma crise estrutural. Além das causas acidentais e naturais, existem outras que derivam de comportamentos menos saudáveis dos membros da família, como sejam as dependências, os vícios, os comportamentos abusivos, o uso de violência física ou emocional para impor a sua própria vontade sobre os demais, a falta de dedicação ao lar por causa de excesso de trabalho, ou então apenas uma falta de acordo sobre os papéis e as tarefas que cada membro deve ter no lar.

Existe uma teoria segundo a qual as grandes crises na família surgem no fim de ciclos de sete anos. Alguns estudos parecem sustentar essa ideia e foi isso que levou uma deputada alemã, Gabriele Pauli, a propor que o casamento deveria ser uma espécie de contrato com

# Crise na família...



a duração de sete anos, com a opção de ser ou não renovado. Certamente não cremos que seja essa a melhor forma de lidar com as inevitáveis crises da família. Há alguns anos, ouvi que a palavra chinesa para “crise” abraçava dois conceitos, “perigo” e “oportunidade”. Parece que, do ponto de vista linguístico, não é bem assim, mas na prática podemos afirmar ser mesmo assim. Muitas famílias, quando em crise, desintegram-se. Outras, contudo, reinventam-se e tornam-se mais fortes, mais maduras. John Gottman, Psicólogo que também investigou este tema da estabilidade conjugal, afirmou: “É possível prever se um casamento vai resultar em divórcio ou não com um acerto de 91%. Um casamento duradouro resulta da capacidade do casal para solucionar os conflitos que são inevitáveis.”

São, portanto, necessárias algumas estratégias para gerir as crises e estas, via de regra, incluem um diálogo franco e aberto entre as partes, que, por sua vez, estão também dispostas a melhorar as suas capacidades de comunicação, uma abertura para negociar, uma capacidade para gerir o stresse e, quando é mesmo necessário, uma disponibilidade para procurar ajuda profissional.

Neste sentido, há alguns anos, o Departamento de Famílias da nossa Igreja em Portugal organizou-se para constituir um Gabinete de Apoio à Família, e até criou uma Associação, informalmente tutelada pelo mesmo Departamento – a “Associação Família Amiga”. Durante muitos anos, de forma sigilosa, Psicólogos, outros profissionais e Pastores voluntariamente aju-

daram famílias a navegarem por esses momentos mais críticos de crise. Não temos qualquer dúvida em afirmar que, se a terapia de família não resultou para todos, pelo menos resultou para a maioria dos que buscaram ajuda. Atualmente, este Gabinete continua a operar e está em franca expansão. Existem dois lugares de atendimento presencial, um em Lisboa e outro no Norte. Devido à incapacidade de termos Gabinetes em todos os Distritos, e devido à incapacidade de as famílias em crise, que estão longe dos dois maiores centros urbanos, lá se deslocarem, optou-se por criar-se o atendimento *online* também. Se o prezado Leitor está a viver uma dessas crises familiares, aconselhamo-lo a que, com oração, busque dialogar e negociar os necessários ajustes e as necessárias mudanças que a situação exige. Faça-o com toda a calma e tranquilidade. Leia e estude o livro *O Lar Cristão*, editado pela Publicadora SerVir, um verdadeiro manual para as famílias em todas as suas fases de desenvolvimento. Se, entretanto, esgotar todos os seus recursos para ultrapassar a crise e a situação não melhorar, não espere passivamente pela inevitável dissolução da estrutura familiar. Peça ajuda! Se quiser recorrer ao Gabinete de Apoio à Família, coordenado pelo Departamento de Famílias da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, ligue para o número 966 526 527. Ao ser atendido por uma voluntária, apenas terá de manifestar a sua intenção e a sua necessidade de apoio. Ser-lhe-á dado a escolher o terapeuta, o local e o horário que melhor servirem a sua disponibilidade e preferência. Que Deus o abençoe!



Conceição Lagoa  
*Diretora-Associada da Área da Família da  
UPASD para os Ministérios da Criança*

Ester



Assuero



# Ester

“Porque, se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento de outra parte virá para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?” – Ester 4:14.

**Olá, amiguinho!** Permite-me partilhar contigo algumas reflexões inspiradas na história de **Ester**, uma jovem que é um exemplo de **fé** e de **coragem**. Ester era uma jovem bela, mas a sua beleza era essencialmente beleza de caráter e de personalidade.

Ester foi uma jovem que se encontrou numa posição de influência e de responsabilidade. Ela usou essa posição para fazer a diferença. **A sua história lembra-nos de que, independentemente das circunstâncias, Deus pode capacitar-nos para impactarmos vidas e fazermos a Sua vontade.**

**Mardoqueu**, que tinha adotado **Haddassah** como sua filha, pode ter-lhe dado o nome persa de **“Ester”** quando lhe pediu para não dar a conhecer a sua nacionalidade.

Ester tinha um profundo respeito por Mardoqueu, o seu pai adotivo, e valorizou sempre os seus conselhos, mesmo depois de se ter tornado **rainha**. **Ester foi sempre uma filha leal e obediente.**

Quando Ester foi para o palácio, Hegai reconheceu nela aquela que seria selecionada e passou imediatamente a tratá-la como a futura rainha. **Deus permitiu que Ester se tornasse rainha do maior Império do seu tempo.**

Havia um homem, de nome **Hamã**, que odiava Mardoqueu. Mardoqueu não tinha feito a Hamã nenhum mal, mas simplesmente tinha recusado mostrar-lhe a reverência devida unicamente a Deus. **Hamã conspirou no sentido de “destruir todos os judeus** que havia em todo o reino de Assuero, o povo de Mardoqueu” (Ester 3:6).

**Assuero** (também conhecido como **Xerxes**) foi induzido a baixar um decreto no qual determinou o **massacre de todo o povo judeu do Império Medo-Persa**. Foi apontado um certo dia no qual os Judeus deviam ser destruídos e as suas propriedades confiscadas. Foi Satanás que instigou este decreto.

“E em todas as províncias aonde a palavra do rei e a sua lei chegavam, havia entre os judeus grande luto, com jejum, e choro, e lamentação, e muitos estavam deitados em saco e cinza” (Ester 4:3). O decreto dos Medos e dos Persas não podia ser revogado; aparentemente, não havia esperança; todos os Israelitas estavam condenados à destruição.

Mas **Mardoqueu confiava nas promessas de Deus** e estava convicto de que os propósitos de Hamã seriam frustrados. Mardoqueu não sabia como, mas estava convencido de que, de uma forma ou de outra, viria a libertação.

O desafio de Mardoqueu a Ester foi: **“Quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?”** E a resposta de Ester foi corajosa e emocionante: “Se eu perecer, pereço.” Ester compreendeu a verdade e a urgência da pergunta que lhe foi dirigida pelo seu pai adotivo.

Por isso, **Ester orou e arriscou a própria vida para salvar o povo de Deus**. Ela era rainha há pouco mais de quatro anos e o seu comportamento e a sua conduta foram um fator determinante para influenciar a atitude do rei em relação a ela. Tudo dependia do testemunho tranquilo prestado na sua vida durante os últimos quatro anos e do seu tato, da sua paciência e do seu bom senso.

**Ester sabia que unicamente Deus os podia salvar, pelo que tomou tempo para estar com Deus, a Fonte da sua força.** “Vai”, mandou ela dizer a Mardoqueu, “ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e **jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias**, nem de dia nem de noite, e eu e as minhas moças também assim jejuaremos. E assim irei ter com o rei, ainda que não é segundo a lei; e, perecendo, pereço” (Ester 4:16).

Então, para salvar o seu povo, Ester devia aventurar-se, ir à presença do rei e interceder. **Ester disse que, se perdesse a sua vida nesta tentativa de salvar o seu povo, perdê-la-ia alegremente; ela viu que devia tentar.** Deus operou e um decreto do rei permitiu ao povo judeu, no dia marcado, lutar para salvar a sua vida. Anjos magníficos em poder tinham sido comissionados pelo nosso Deus para proteger o Seu povo, enquanto eles se punham “em defesa da sua vida” (Ester 9:2, 16).

Mardoqueu foi compensado e foi-lhe dada a posição de honra anteriormente ocupada por Hamã. Ele teve a oportunidade e aproveitou-a. Nós devemos fazer o mesmo! **Talvez também tenhamos “vindo ao reino por um tempo como este”.** Talvez também tenhas alguns desafios a enfrentar e precises de demonstrar coragem, sacrifício, mas, acima de tudo, **confiar que Deus estará contigo para te ajudar**, assim como esteve com Mardoqueu e com a jovem Ester.

*A vida de Ester é um testemunho da providência divina. Mesmo quando as circunstâncias pareciam sombrias, Deus estava a trabalhar nos bastidores para cumprir o Seu propósito.*

**“Por intermédio da rainha Ester, o Senhor efetuou um poderoso livramento em favor do Seu povo.** Numa ocasião em que parecia que nenhum poder poderia salvá-los, Ester e as mulheres associadas a ela, por meio de jejum, oração e ação imediata, enfrentaram a questão, trazendo salvação ao seu povo.” – Ellen G. White, *E Recebereis Poder*, p. 272.

Hamã



Mardoqueu



# Adquira já!



12,50€



COMPRA *ONLINE* [WWW.PSERVIR.PT](http://WWW.PSERVIR.PT) | LIGUE 21 962 62 00  
E-MAIL [CLIENTES@PSERVIR.PT](mailto:CLIENTES@PSERVIR.PT) |  +351 925 896 870



A Associação dos Universitários Adventistas (AUA) pretende dar resposta aos desafios e às inquietações que os Jovens Universitários Adventistas encontram na sua vida pessoal, académica, profissional e espiritual.

# UNITALKS

## 2024

20 de abril | IASD de Aveiro

19 de outubro | Lisboa

O conceito **UNITalks** nasceu em 2018, com o objetivo de unir os Universitários em reflexão e debate sobre assuntos do seu interesse e que respondam às suas necessidades.

Hoje, mantemos o propósito de dar resposta às necessidades dos jovens universitários, para que, perante os desafios intelectuais, sociais e espirituais, mantenham firme o seu relacionamento com Deus e, em particular, os hábitos de oração e de estudo.

Por isso, em todas as nossas iniciativas, utilizaremos a marca **UNITalks**, sejam as iniciativas presenciais ou em conjunto com os

nossos parceiros, como a *Novo Tempo Portugal* e a *Revista Adventista*.

Deixo-vos um breve testemunho de um dos membros da equipa de apoio à coordenação.

### Queremos estar contigo.

Segue-nos no *Instagram*, em [universitarios.adventistas.pt](https://www.instagram.com/universitarios.adventistas.pt) ou através do *email* [universitarios@adventistas.org.pt](mailto:universitarios@adventistas.org.pt).



# “Os melhores anos da tua vida!”

Os anos passados na Universidade são geralmente vistos como “os melhores anos da tua vida”. No entanto, também podem ser sinónimo de stresse, ansiedade e solidão, não só para um jovem Adventista, mas para todos os jovens que por lá passam.

Pode ser um verdadeiro desafio conseguires aplicar-te aos estudos, começares uma “vida adulta” por conta própria (como um aluno que estuda longe de casa, por exemplo) e gerires tudo isso na tua cabeça. Este é também o momento em que surgem pressões externas, do mundo académico ou de novos amigos, para “reveres” os teus princípios enquanto Adventista do Sétimo Dia. Finalmente, é hora de viveres a tua fé e de fazeres o teu próprio caminho.

Por isso, pergunto-te: Como está a tua relação com Deus? Sério, pensa nisso... Quanto tempo tiras do teu dia para simplesmente falares com Ele? Talvez apenas quando oras antes de uma refeição? Talvez antes de ires dormir? Talvez nem isso... Eu estive lá, fazendo as coisas por rotina, vivendo sem rumo, vivendo sem Deus. *“Lançai sobre ele todo o vosso cuidado, pois ele cuida de vós. Sede sóbrios, sede vigilantes; porque o seu adversário, o diabo, anda como um leão rugindo, procurando a quem possa devorar. Resisti a ele, firmes na fé, sabendo que os mesmos sofrimentos são experimentados pela vossa fraternidade no mundo”* (1 Pedro 5:7-9).

Fui abençoado por nascer num lar Adventista e crescer de acordo com os princípios de Deus. Aqueles que nascem na Igreja

são muitas vezes pressionados pela iminência do batismo. Este é um grande risco, pois frequentemente somos forçados a viver uma fé “emprestada” em vez da nossa. Quando as dificuldades e as tribulações vêm, é quando testamos a nossa fé. Convívio estudantil que envolve álcool ou outras substâncias, exames ao Sábado, colegas que nos “atropelam” para chegar a determinados locais de destaque, etc. Como reagimos? *“Então, aqueles que estão na carne não podem agradar a Deus”* (Romanos 8:8).

Assim sendo, como podemos testemunhar junto dos nossos colegas e professores quando estamos vazios e sem rumo? Primeiro, precisamos de cuidar de nós mesmos para, depois, ajudarmos os outros, porque como posso amar o próximo, se não me amo? Então, podes perguntar: Como podemos amar-nos a nós mesmos? Como qualquer pessoa com sede, devemos ir à Fonte. *“Quem não ama não conhece Deus, pois Deus é amor”* (1 João 4:8). O amor é a cura perfeita para tudo o que parece sem esperança, porque o amor é Deus!



**PEDRO LOUREIRO**  
Universidade Nova de Lisboa, Musicologia



**Tim Poirier** | Vice-Diretor do Patrimônio Literário de Ellen G. White em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos da América

## ESPÍRITO DE PROFECIA

# As compilações e as adaptações: São elas verdadeiras?

*“Por favor, envie-me uma lista dos escritos originais de Ellen G. White, não das suas compilações.”* – Este é um pedido que recebemos com frequência no Patrimônio Literário de Ellen G. White. Por trás das palavras expressas, existem determinadas suposições não-verbalizadas, incorretas e que minam a confiabilidade nas compilações, como, por exemplo:

- As compilações contêm material que Ellen G. White não escreveu.
- As compilações alteraram as palavras de Ellen G. White.
- As compilações deturpam os ensinamentos de Ellen G. White, ao colocar as declarações fora do contexto.
- As compilações refletem os vieses do compilador.
- As compilações não são inspira-

das, em contraste com os seus livros originais.

Como pode um Adventista responder às preocupações daqueles que têm tais pontos de vista em relação às muitas compilações de Ellen G. White disponíveis para os membros? E o que se quer dizer exatamente com “compilações”, em contraste com os “escritos originais” de Ellen G. White? Este artigo fornece algumas maneiras práticas pelas quais os Adventistas do Sétimo Dia podem ajudar a sua congregação a entender e usar corretamente as compilações.

Em termos estritos, o termo “compilação” refere-se a uma obra criada pela junção de material de várias fontes. Contudo, para a maioria dos membros de Igreja, ele refere-se

a qualquer livro de Ellen G. White compilado por alguém que não a própria Ellen G. White – especialmente após a sua morte.

### **Identifique-se com a preocupação subjacente**

Embora seja verdade que algumas pessoas descredibilizam as compilações de Ellen G. White, porque rejeitam certas declarações que entram em conflito com os seus próprios pontos de vista, na maioria dos casos, aqueles que expressam desconfiança em relação às compilações fazem-no porque sinceramente querem ler apenas o que Ellen G. White genuinamente escreveu. Eles valorizam muito os seus escritos e não querem ser enganados por alguém com uma agenda que juntou citações de Ellen G. White para servir os seus próprios propósitos.

Devemos reconhecer essa motivação. Inúmeras publicações deturpam os ensinamentos de Ellen G. White, porque o compilador selecionou apenas as citações que apoiam as suas próprias ideias acalentadas, ou forneceu títulos

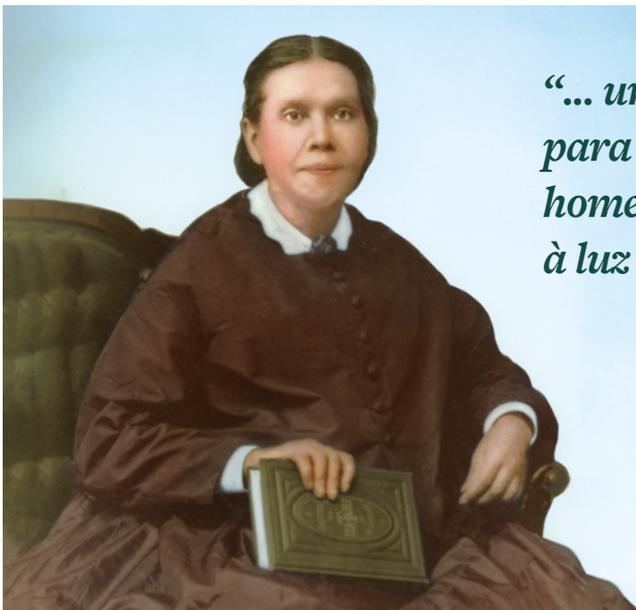
que não refletem com precisão o que ela afirmou. A própria Ellen G. White partilhava esta mesma preocupação:

“Muitos entre o nosso próprio povo escrevem-me a pedir com ansiosa determinação o privilégio de usarem os meus escritos para dar força a certos assuntos que desejam apresentar ao povo, de modo a deixar sobre eles profunda impressão. É verdade que há razão para que alguns desses assuntos devam ser apresentados; mas não me arriscaria a dar a minha aprovação ao uso dos testemunhos dessa maneira ou a sancionar que ponham matéria, em si mesma boa, da maneira que eles propõem.”<sup>1</sup>

Tendo em conta a declaração de Ellen G. White, é conveniente adotar uma abordagem cautelosa no que diz respeito às compilações.

### **Diferencie as diversas compilações**

A maioria dos membros de Igreja não sabe como a Comissão de Depositários do Património Literário de Ellen G. White produz as compilações, em con-



*“... uma luz menor para conduzir homens e mulheres à luz maior.”*



traste com as compilações não oficiais ou particulares. O fornecimento de informações sobre o processo e os cuidados envolvidos ajudarão os membros a reconhecerem as importantes diferenças entre elas. As compilações do Patrimônio Literário de Ellen G. White não são o trabalho de um único indivíduo. É verdade que uma pessoa pode assumir a liderança na busca de material significativo sobre um determinado tema, mas o manuscrito passa por um processo completo de leitura e de revisão minuciosa que envolve muitas outras pessoas. Em seguida, o manuscrito recebe a contribuição de outras pessoas com conhecimento no domínio em causa.

Durante o processo, os envolvidos estão atentos para garantir que os ensinamentos de Ellen G. White sejam justamente representados. Eles geralmente escolhem subtítulos e cabeçalhos a partir das suas próprias expressões, para não impor significados que ela não pretendia. Quando as notas explicativas são essenciais para o contexto, elas são claramente identificadas como sendo fornecidas pelo Patrimônio Literário de Ellen G. White, e, geralmente, colocam-se entre parêntesis.

### Revele o objetivo

Algumas pessoas podem afastar-se das compilações porque elas não são de leitura tão fácil e fluida. É importante frisar que a maioria das compilações não se destina a ser livros de leitura continuada, como um livro devocional. As compilações temáticas, tais como os três volumes das *Mensagens Escolhidas* ou dos *Conselhos sobre o Regime Alimentar*, servem mais como livros de referência enciclopédica. Devido ao facto de Ellen G. White ter escrito tanto sobre tantos tópicos, o propósito destes livros é reunir num só lugar as suas declarações mais significativas sobre um assunto específico, por uma questão de conveniência. Caso contrário, passaríamos inúmeras horas em pesquisa em todo o banco de dados dos seus escritos todas as vezes que quiséssemos encontrar as suas principais instruções sobre um determinado assunto.

### A questão do contexto

Pela sua própria natureza, as compilações retiram passagens dos seus contextos originais e colocam-nas num novo cenário. Uma citação escrita pela primeira vez em 1868 pode ser segui-

da por outra composta em 1890 ou 1905. Uma declaração pode ter sido originalmente dirigida a um líder da Igreja e outra a um grupo de estudantes. Trata-se de uma fraqueza inerente a qualquer compilação que deve ser prontamente reconhecida.

Sobre aqueles que procuram fazer as suas próprias compilações pessoais, Ellen G. White expressou o seguinte: “Ao tomar em consideração tal empreendimento, há muitas coisas a serem levadas em conta; pois servindo-se dos testemunhos para apoiar algum assunto que possa impressionar a mente do autor, os extratos poderão dar uma impressão diferente daquela que dariam, fossem eles lidos na sua relação original.”<sup>2</sup>

Com essa preocupação em mente, é importante lembrar a todos que todas as citações, numa compilação oficial do Patrimônio Literário de Ellen G. White, incluem uma referência que indica a fonte da declaração, muitas vezes com o ano da redação ou da publicação original. Isso permite que o leitor volte ao documento de origem para ler a citação no seu contexto original. Na aplicação *EGW Writings* ou na base de dados em [egwwritings.org](http://egwwritings.org), isto pode ser feito com um simples toque ou clique do rato do computador. Fornecer a referência da fonte também garante que a declaração é realmente dos próprios escritos de Ellen G. White e não foi adicionada por alguém com uma agenda oculta.

### **Partilhe a expectativa de Ellen G. White em compilações póstumas**

Provavelmente, será uma surpresa para

a maioria dos membros de Igreja o facto de Ellen G. White ter incluído, especificamente, a “impressão de compilações dos meus manuscritos” entre as tarefas que atribuiu aos administradores do seu património no seu testamento. Ela reconheceu que os seus escritos, incluindo aqueles ainda não publicados na altura da sua morte, teriam um benefício contínuo na satisfação das necessidades da Igreja no desempenho da sua missão. Na maioria dos casos, as compilações oficiais foram produzidas a pedido de um determinado Ministério da Igreja que procura aprender, seguir e partilhar a instrução que fomos abençoados por receber através do Espírito de Profecia.

### **Explique que muitos livros “originais” incluíram um processo de compilação**

Pode ser útil explicar que Ellen G. White, geralmente, não escrevia os seus livros capítulo por capítulo, como muitos podem supor. Ao preparar o livro *Aos Pés de Cristo*, por exemplo, ela pediu à sua assistente literária, Marian Davis, que vasculhasse os seus escritos para encontrar o material mais adequado relacionado com a salvação e a vida cristã. O produto final foi uma tapeçaria de 13 capítulos, extraídos de artigos de periódicos que Ellen G. White escreveu, dos *Testemunhos para a Igreja*, e até mesmo de seleções das suas cartas particulares. É inteiramente material de Ellen G. White, mas “compilado” e organizado de acordo com a sua direção e sob a sua supervisão.

O mesmo pode ser dito, em grande parte, a respeito de *O Desejado de Todas as Nações* e da maioria dos seus livros publicados após a década de 1870. Naturalmente, a maior diferença

entre esses volumes e as compilações produzidas após a morte de Ellen G. White é que, quando ela estava viva e, portanto, envolvida na preparação do manuscrito, ela não só dava instruções sobre o que incluir ou não incluir, mas também compunha novo material que preenchia lacunas e facilitava as ligações. Também não era necessário que os seus assistentes inserissem a referência da fonte original depois de cada passagem, e, assim, interrompessem o fluxo do texto. Por fim, ela própria podia ler os capítulos concluídos e garantir que representavam corretamente o que ela desejava comunicar.

### **Enfatize que é a pessoa que é inspirada**

Dizer que *O Desejado de Todas as Nações* é inspirado nos livros como *Orientação da Criança* ou *Evangelismo* não são colocar uma barreira artificial entre o formato desses volumes e o autor. Devemos enfatizar que foi Ellen G. White quem foi inspirada. Fazemos bem

em deixar-nos instruir pelas verdades que ela escreveu sob a iluminação do Espírito Santo, quer essas palavras apareçam num livro publicado em 1898 ou num lançado em 2018.

### **Explicar o propósito das adaptações**

Alguns membros de Igreja apontam para as várias adaptações dos escritos de Ellen G. White como evidência de que eles foram alterados e não são confiáveis. Tais adaptações incluem inglês atualizado, linguagem inclusiva, condensações, resumos e até mesmo algumas paráfrases. Essas obras não se destinam a leitores que se sentem confortáveis com o estilo literário do século XIX de Ellen G. White ou com os seus livros de mais de 500 páginas.

Pode ser útil explicar que Ellen G. White, na sua própria época, deu permissão ao seu filho Edson para adaptar seleções dos seus escritos, para alcançar um público leitor mais jovem e menos instruído. O resultado foi *Christ, Our Saviour*, publicado pela primeira



vez em 1896, e ainda hoje disponível sob o título *A História de Jesus*.

O propósito das adaptações é atrair leitores para os escritos de Ellen G. White que, de outra forma, nunca continuariam a ler além dos primeiros parágrafos de um dos seus livros atuais. É feito um esforço cuidadoso para os manter o mais próximos possível da linguagem de Ellen G. White, reconhecendo que a estrutura das frases em inglês do século XIX e as mudanças de significado das palavras podem ser um obstáculo significativo, especialmente para os leitores mais jovens, na compreensão e apreciação dos seus escritos.

Pode-se assegurar os membros de Igreja de que as adaptações não se destinam a substituir os livros originais. Também nunca lhes é dado o mesmo título do livro original. Além disso, a aplicação *EGW Writings* e a base de dados [egwwritings.org](http://egwwritings.org) colocam as adaptações numa categoria separada chamada “Inglês Moderno”.

### Uma última coisa...

Alguns membros de Igreja podem ter sido informados de que o Património Literário de Ellen G. White lança novas compilações para que a Igreja – e o Património Literário de Ellen G. White, em particular – possa continuar a ganhar dinheiro com os escritos de Ellen G. White. Embora seja verdade que um modesto *royalty* sobre as vendas dos seus livros de língua inglesa costumava ir para a Conferência Geral, que fornece um orçamento para o ministério do *White Estate*, nenhum *royalty* foi coletado dos livros de Ellen G. White desde 2011. Todas as receitas das vendas

vai para as despesas das Editoras e dos seus distribuidores de livros. Além disso, pode-se destacar que todos os seus escritos estão disponíveis para acesso gratuito em [egwwritings.org](http://egwwritings.org).

Ajudar os Adventistas a entenderem melhor o propósito, os benefícios e as limitações das compilações de Ellen G. White pode ser um desafio educacional contínuo. Devemos educar os nossos membros para que estudem e compreendam adequadamente os seus escritos e os usem como “uma luz menor para conduzir homens e mulheres à luz maior”<sup>3</sup>.

1

Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, 2021, vol. 1, p. 56.

2

*Ibidem*.

3

Ellen G. White, “An Open Letter from Mrs. E. G. White to All Who Love the Blessed Hope”, *Advent Review and Sabbath Herald*, 20 de janeiro, 1903, 15.

#### Alguns recursos adicionais para ajudar a resolver equívocos comuns:

Collins, Norma. “Compilations – What They Are and What They Are Not.” *Ellen G. White Estate*. (<https://whiteestate.org/issues/Compilat.html>)

Fagal, William. “Adapting the Writings of Ellen G. White: Is There a Need?” *Adventist World*, maio de 2011. (<https://issuu.com/adventistworldmagazine/docs/2011-1005/22>)

Kaiser, Denis. “How Ellen G. White Did Her Writing.” In *Understanding Ellen G. White*, edited by Merlin D. Burt. Nampa, ID: Pacific Press, 2015. (<https://egwwritings.org/read?panels=p13959.684&index=0#highlight=13959.6840>)

Knight, George. “Compilations: Official and Unofficial.” In *Reading Ellen G. White: How to Understand and Apply Her Writings*, capítulo 4. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1997.

Timm, Alberto. “Compilations and Condensations.” *Adventist World*, março de 2018. ([https://issuu.com/adventist-worldmagazine/docs/aw03-18\\_web/24](https://issuu.com/adventist-worldmagazine/docs/aw03-18_web/24))

White, Arthur L. “The Preparation of a Posthumous E. G. White Book.” In *Messenger to the Remnant*. Washington, DC: Review and Herald, 1969.



**AUTOR:**  
Roberto Badenas



# NOVIDADE!

1º Volume da Coleção *Luminares de Fé*



**10€**

De todos os encontros, há um que é o mais importante: o encontro com Jesus! Ao longo da História, muitas pessoas encontraram-se com Ele, e isso foi o ponto de viragem na sua vida.

 PUBLICADORA SERVIR

COMPRA *ONLINE* [WWW.PSERVIR.PT](http://WWW.PSERVIR.PT) | LIGUE 21 962 62 00  
E-MAIL [CLIENTES@PSERVIR.PT](mailto:CLIENTES@PSERVIR.PT) |  +351 925 896 870